



**FACULDADE CALAFIORI**

**MARIA CRISTINA SOUZA RIBEIRO  
PATRICIA MOURA GARCIA**

**AS METODOLOGIAS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL: a disciplina de língua  
portuguesa e práticas para a construção do ensino**

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG  
2015**

MARIA CRISTINA SOUZA RIBEIRO  
PATRICIA MOURA GARCIA

**AS METODOLOGIAS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL: a disciplina de língua  
portuguesa e práticas para a construção do ensino**

Monografia apresentada à Faculdade Calafiori,  
como parte dos requisitos para a obtenção do título  
de Licenciado em Pedagogia.

**Orientador:** Prof. Esp. Cláudio Manoel Person

**Linha de pesquisa:** Alfabetização, Literatura e  
Linguagem.

**SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO – MG  
2015**

# **AS METODOLOGIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: a disciplina de língua portuguesa e práticas para a construção do ensino**

## **CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO:** ( ) \_\_\_\_\_

---

Professor Orientador: Prof. Esp. Cláudio Manoel Person

---

Professora Avaliadora da Banca: Ma. Marília de Souza Neves

---

Professora Avaliadora da Banca: Ma. Gismar M. C. Rodrigues

À nossa família: vocês são responsáveis por este momento tão marcante em nossa vida. Desde o começo, acreditaram, incentivando-nos sempre a buscar novos conhecimentos, dando-nos conselhos, contribuindo para o nosso crescimento na vida acadêmica. Esta vitória também é de vocês.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos a Deus, pois sem Ele não teríamos forças para essa longa caminhada.

À nossa família, pelo apoio durante esse período.

Ao nosso orientador, Professor Cláudio Manoel Person, pelo suporte no curto tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

À Faculdade Calafiori, a todo o seu corpo docente, à direção e à administração, que oportunizaram nossa chegada onde estamos hoje.

É difícil agradecer todas as pessoas que, de algum modo, nos momentos serenos ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da nossa vida. Assim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da nossa vida e formação, o nosso muito obrigada.

*[...] enquanto o alfabetizado busca o rumor da língua, o leitor contempla o silêncio do texto escrito [...]*

(AZEVEDO; MARQUES, 2013, p. 75).

## RESUMO

Antigamente, bastava saber ler e escrever. Hoje, o importante, além de ser alfabetizado, é ser letrado, ou seja, interpretar qualquer texto, como uma simples receita, ou mesmo um texto literário, saber escrever uma história com coesão, conseguir refletir sobre situações do cotidiano. Entretanto, nem todos os professores trabalham de forma adequada esses dois termos na escola, isto é, não pesquisam e não elaboram novas práticas para a construção do ensino da Língua Portuguesa. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar, teoricamente, algumas práticas de Língua Portuguesa que podem ser adotadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Justifica-se o tema pela necessidade de contribuir para a prática diária de todos os educadores envolvidos com crianças nas fases iniciais do Ensino Fundamental, principalmente daqueles que acreditam que são capazes de modificar a vida de muitos indivíduos por meio da leitura e da escrita, posto que, além de alfabetizá-las, estimulam-nas a se tornarem letradas. Os recursos metodológicos a serem utilizados para a pesquisa constituem-se por meio de um levantamento bibliográfico. Concluiu-se que alfabetização e letramento têm diferenças, contudo possuem, também, relações e, por isso, não são independentes, mas interdependentes. É extremamente importante que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento. Além disso, o professor, diante das novas práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, deve, primeiramente, explorar a realidade da criança, utilizando textos diversificados, como poemas, parlendas, fábulas, contos de fadas, rótulos de embalagens, placas, enfim, exercer a docência de modo criativo, para que a alfabetização e o letramento sejam alcançados pelas crianças de maneira articulada.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Alfabetização. Letramento. Práticas de Ensino.

## ABSTRACT

In the past, knowing how to read and write was enough. Nowadays, literacy is more important than alphabetization, it is necessary, therefore, being able to interpret any kind of text, be it a recipe or a literary work, to write a story coherently and to interpret everyday situations. However, not all teachers work those terms in an adequate fashion at school, that is, they do not perform any research or come up with new practices to construct the teaching of the Portuguese Language. In this sense, the general goal of this work is to theoretically present the new teaching techniques of the Portuguese Language that can be adopted in the first grades of the Brazilian "Ensino Fundamental" (Elementary School). This theme is justified by the necessity of contributing to the daily practice of all teachers involved with the first grades of Elementary School, mainly those ones who believe to be capable of modifying the lives of many students when they are teaching how to read and to write, because, besides alphabetizing, also stimulate them to become literate. The methodological resources to be used for the research will include a raising of the available bibliography. It is possible to conclude, thus, that alphabetization and literacy are different from each other, in spite of maintaining relations and are, this way, interdependent, and not independent. It is vital that the alphabetization take place inside a context of literacy. Additionally, the teacher, faced with the new teaching techniques of the Portuguese Language in the first grades of Elementary School, must, at first, work with the child's social reality, with diversified texts, which include recipes, poems, nursery rhymes, fables, fairy tales, labels, street signs. The teacher must, summarily, be creative enough so that the alphabetization/literacy be apprehended by the child in an articulated manner.

**Keywords:** Portuguese Language. Elementary School. Alphabetization. Literacy. Teaching Practices.



## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1.1</b>	<b>Justificativa.....</b>	<b>11</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivos.....</b>	<b>13</b>
1.2.1	Objetivo geral.....	13
1.2.2	Objetivos específicos.....	13
<b>1.3</b>	<b>Metodologia.....</b>	<b>14</b>
<b>2.</b>	<b>ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....</b>	<b>16</b>
<b>3.</b>	<b>PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....</b>	<b>29</b>
	<b>DISCUSSÕES .....</b>	<b>42</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>50</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>52</b>
	<b>ANEXO I – ESCRAVOS DE JÓ.....</b>	<b>52</b>
	<b>ANEXO II – JOGO DO BICHO OU RABO DE BURRO.....</b>	<b>53</b>
	<b>ANEXO III – FILMES E DESENHOS ANIMADOS.....</b>	<b>54</b>
	<b>ANEXO IV – ONDE ESTÃO AS PALAVRAS.....</b>	<b>56</b>
	<b>ANEXO V – ATIVIDADE COM EMBALAGENS .....</b>	<b>57</b>
	<b>ANEXO VI – ATIVIDADE COM SINAIS E SÍMBOLOS.....</b>	<b>58</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A arte de ensinar a ler e escrever é uma das tarefas mais específicas e interessantes da escola já nos primeiros passos da alfabetização, pois, por meio dessas duas ações, a criança começa a se sentir com maior autonomia, mais integrada e sociável e, conseqüentemente, amplia sua habilidade comunicativa.

Ler e escrever, até o século passado, eram ações vistas como objeto social, entretanto, no decorrer dos séculos, a escola transformou-as em funções exclusivamente escolares, fazendo com que as mesmas deixassem de possuir propósitos extraescolares. Contudo, atualmente, sabe-se que tal processo possui bastante importância na instituição de ensino, porque é algo primordial fora da escola, e não o contrário.

No cenário mundial, desde as últimas décadas do século XX, países como França, Estados Unidos, Inglaterra e Portugal questionam e renovam a modificação de foco na abordagem da leitura e da escrita ocorrida frente ao sujeito alfabetizado e letrado, destacando-se como questão fundamental. Esses países trabalham, atualmente, em prol da criança que, mesmo alfabetizada, infelizmente, não domina as habilidades de leitura e de escrita essenciais para a interação efetiva e qualificada nas práticas sociais e, futuramente, nas atividades profissionais que implicam a língua escrita (KLEIMAN, 2008).

Já no cenário nacional, com o desenvolvimento da sociedade tanto cultural quanto econômico, percebeu-se que o tão destacado analfabetismo conseguiu ser superado, porém houve uma nova necessidade: a de se criarem diferentes práticas de leitura e escrita. Essas deveriam ser mais avançadas e complexas do que simplesmente saber ler e escrever, como vinha acontecendo no sistema social.

Assim, em meados dos anos de 1980, ocorreu o surgimento do termo letramento no Brasil (KLEIMAN, 2008). Tal termo pretendia ser distinto do conhecido termo alfabetização. Desse modo, esse vocábulo tornou-se alvo de atenção e discussão na esfera educativa, considerando-se o grande número de artigos e livros sobre o tema, publicados desde então.

Diante disso, emergiu o problema que norteou os estudos relativos a esta pesquisa: As práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental são capazes de conduzir o aluno não apenas à alfabetização, mas também ao letramento?

Grande parte das escolas brasileiras tem feito um trabalho por meio do qual o aluno que está aprendendo a ler e a escrever respeite de modo cuidadoso o que essas instituições lhe oferecem. É como se o aluno a ser alfabetizado não pudesse “ver” nada além,

a não ser o que o professor ensina, ou seja, como se a forma de cada palavra fosse eterna, não evoluísse.

O problema está no modo como o professor ensina o aluno a ler e a escrever, e quase sempre, não no aluno. O aluno deve ser conscientizado de que a escrita e a leitura são objetos importantes e valiosos para a vida e que assim devem ser conhecidos, e de várias maneiras, como, por exemplo, na rua, por meio de uma placa; em casa, por meio de uma embalagem de produto; com o colega, por meio de outras experiências; com os pais, por meio de livros infantis; na própria escola, por meio de materiais, como recorte de revistas, xerox de documentos, entre outros. No entanto, o que tem ocorrido é um descaso em relação a novas práticas de Língua Portuguesa, fato que acaba fazendo com que a criança se torne alfabetizada, mas não letrada.

Uma criança que está alfabetizada não é semelhante a uma criança letrada. Quando um indivíduo se torna alfabetizado, sabe ler e escrever, todavia, quando um sujeito se torna letrado, envolve-se nas práticas de leitura e de escrita. Portanto, não se trata de saber ou não saber, mas de quanto e como se sabe ler e escrever.

Possivelmente, o significado dos escritos que cercam os alunos no cotidiano seja muito favorável à aprendizagem e tenha importância para eles, por estarem mais acessíveis. Há ainda o fator de serem chamativos tanto no aspecto das cores quanto nas ilustrações que os acompanham.

Por isso, cabe à escola o papel de inserir o aluno em um ambiente onde seja capaz de, paulatinamente, proporcionar-lhe a compreensão e a utilização da escrita e da leitura, a fim de que o educando tenha acesso a essas práticas de maneira significativa em seu contexto social.

Assim, com o objetivo de ampliar a compreensão acerca do exposto e com o intuito de identificar o que diferentes pesquisadores asseveram sobre o tema, realizou-se um estudo bibliográfico.

De posse das informações obtidas mediante a busca, levantamento e leitura preliminar das fontes de pesquisa, foi elaborado um plano prévio do trabalho que seria desenvolvido - um esboço traçado a partir das grandes linhas que o estudo abarcaria. Estabelecido tal plano, iniciou-se a leitura propriamente dita do material selecionado, seguida de anotações, fichamentos e mesmo comentários pessoais, classificados e arquivados, tendo em vista a redação do final.

Para tanto, houve o cuidado de averiguar as informações obtidas com o objetivo de redigir conforme as proposições dos autores.

Atualmente, a alfabetização é vista como um processo amplo. Mais do que apropriação do código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre o seu funcionamento linguístico. Ao lado dos processos de elaboração interna, há um contexto que fornece informações ao aprendiz, dá sentido ao aprendido e condiciona suas possibilidades efetivas de aplicação e uso nas situações vividas.

Em muitas ações docentes, não constatamos práticas de letramento que implicariam contatos com gêneros textuais diferentes e uma discussão com os educandos para que vivências fossem resgatadas e, com isso, eles avançariam em suas hipóteses a partir dessas situações. É preciso saber usar a leitura e escrita em práticas sociais que as requeiram, com autonomia e criticidade.

Além de aprender a ler e escrever, fazer uso da leitura e escrita transforma o indivíduo, leva-o a outro estado ou condição sobre vários aspectos: social, cultural, cognitivo, linguístico, entre outros.

Alfabetizar e letrar são duas ações distintas, porém inseparáveis, porque o ideal é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tornando o indivíduo inserido no cotidiano letrado que o cerca.

Vivemos um processo de grandes alterações nos conceitos relacionados ao ensino inicial da leitura e escrita: não basta apenas ensinar a decifrar o sistema de escrita, relacionando sons e letras. É preciso garantir que os alunos façam uso da escrita em situações sociais e que se beneficiem da cultura escrita como um todo, apropriando-se de novos usos que surgirem, pois sabemos que não é só a escola que apresenta a escrita à criança, é a própria sociedade.

A escola precisa ser o reflexo da vida do lado de fora, posto que viver a experiência da diferença representa uma oportunidade de progresso. Se os alunos não passam por isso na infância, mais tarde, terão dificuldade para vivenciar as etapas da vida.

## **1.1 Justificativa**

Várias são as metodologias oferecidas diariamente aos educadores que se dedicam à alfabetização, mas nenhuma traz tanto prazer e significado quanto aquela que tem importância e utilidade no cotidiano do aluno.

Muitos educadores, por utilizarem textos dissociados da realidade dos alunos, desestimulam sua turma quanto à busca das práticas de leitura e escrita. Assim, diversos educandos deixam de ler e de se expressar por meio da escrita.

Diariamente, os mais variados portadores de escrita circulam entre as pessoas sem objetivo e finalidade específica. Tais materiais podem e devem ser levados às salas e apresentados aos alunos, mesmo que estes ainda não saibam ler. Cabe ao educador demonstrar o sentido da escrita nas múltiplas situações nas quais é usada, a fim de estimular os estudantes a se apropriarem dela.

O educador não deve se limitar a ser espectador passivo, nem mesmo rodear as crianças de livros, para que aprendam sozinhas, mas sim motivá-las, por meio de textos do dia a dia, tais como receitas culinárias, placas, bulas de remédios, embalagens de produtos, enfim, materiais que possibilitem que aprendam na prática, com a experiência, com o “olho no olho”.

À criança não devem ser oferecidas somente cartilhas ou livros didáticos, e sim textos diversificados, principalmente aqueles que as rodeiam. O estímulo é que o educador saia de trás de sua mesa e da frente de uma lousa e vá caminhar com seus alunos pelos mais diversos ambientes, como em volta da escola, nas praças, nas lojas, em lugares onde as crianças percebam a escrita, a leitura no seu cotidiano.

Dessa forma, praticando, conseqüentemente, a criança terá o prazer de aprender de modo simples e proveitoso, pois aprende o que está ao seu alcance, com o que pode tocar, verificar e vivenciar.

Quanto mais variados os textos, mais adequados para se realizarem diferentes atividades de exploração, classificação, busca de semelhanças e diferenças e, para o professor, ao aplicá-los em voz alta, dar informações sobre o que se pode esperar de um texto em função do objeto que o veicula.

Em casa, as crianças não devem se envolver apenas com um tipo de texto, há de ter um complemento, para que o educador possa desenvolver um bom trabalho e, para isso, este deve propor atividades extraescolares, a fim de que seus alunos também vivenciem, fora da escola, aquilo que for praticado na unidade de ensino. O resultado disso é crianças lendo por prazer, tendo vontade de escrever, de ler, de saber.

Entretanto, em grande parte das escolas brasileiras nada disso acontece. O resultado é catastrófico: crianças desmotivadas, tristes, sem perspectivas de querer saber ler e escrever, pois essas ações constituem-se afazeres “chatos”, limitados, ocorrendo, então, o fracasso escolar (LEAL et al., 2006). Assim, fez-se necessário pesquisar o tema em questão, por julgá-lo essencial para se ter uma educação de qualidade em nosso país, para se ter um aluno não apenas alfabetizado, mas, principalmente, letrado em nossas escolas. Há a necessidade de reconhecer a presença da escrita no contexto diário e valorizar tais

representações, visto que, no ambiente escolar, muitas vezes, privilegia-se o livro em detrimento dos demais suportes de texto.

Devido a essa necessidade ser bem vista, o presente trabalho tem como meta contribuir para a prática diária dos educadores envolvidos com crianças nas fases iniciais do Ensino Fundamental, principalmente daqueles que acreditam na sua capacidade de modificar a vida de muitos indivíduos por meio da leitura e da escrita por meio de diferentes práticas de Língua Portuguesa, objetivando, além de alfabetizá-los, estimulá-los a se tornarem letrados. Além disso, o trabalho propõe ao professor que privilegia apenas o livro didático, não investindo em adequadas práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental, que reflita e averígue diversas fontes de materiais que são bastante favoráveis no processo de alfabetização e letramento de seus alunos. O professor deve ter a consciência de que seu trabalho junto aos alunos requer estudo, amor, dedicação, ciente do que eles precisam para progredir, fazendo a eles perguntas, como: “O que está escrito naquela placa?”, “Esta embalagem é de um refrigerante. Qual o nome dele?”.

Por tudo isso, o presente estudo se justifica, pelo fato de se tratar de um assunto de extremo interesse para os profissionais da educação.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Objetivo geral**

Apresentar algumas práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental para alfabetizar e letrar.

### **1.2.2 Objetivos específicos**

- . Definir alfabetização e letramento.
- . Apontar semelhanças e diferenças entre alfabetização e letramento.
- . Retratar a importância dos vários tipos de textos, na escola, para a criança no processo de alfabetizar e letrar.

### 1.3 Metodologia

A pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 183), “abrange uma bibliografia variada, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico”.

Para as autoras, a pesquisa bibliográfica “não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 185).

Apesar de haver vários meios para a pesquisa bibliográfica, a maior parte da pesquisa deste trabalho foi realizada em artigos publicados em *sites* na área da Educação, como por exemplo, Revistas *online*. Também foram retiradas algumas informações de vários *sites* confiáveis, como *Scielo*. As palavras-chave utilizadas para buscar os artigos necessários para a pesquisa foram Alfabetização; letramento; leitura; práticas pedagógicas.

Teve-se o cuidado de averiguar as informações apresentadas com o objetivo sempre de repassar os conceitos e informações dos autores. Houve, também, a seleção de obras, como livros publicados entre 2000 a 2014, que tratam do assunto, sendo todos com bases científicas.

Toda a pesquisa foi realizada no período de novembro de 2014 a outubro de 2015. Foi realizada uma pré-seleção de textos que pudessem fundamentar ou não a problematização proposta. Os dados obtidos foram salvos em arquivos e, posteriormente, impressos, para uma leitura crítica de revisão bibliográfica, tendo como foco o objetivo geral do trabalho.

Para a análise das publicações, foi elaborado um instrumento de coleta de dados, constituído pelos seguintes itens: título do artigo ou obra; nome do periódico; ano de publicação. Foi realizada uma análise referente ao letramento e à alfabetização, juntamente às suas diferenças e relações. Destacou-se como deve ser realizada uma aplicação pedagógica de qualidade frente à alfabetização e ao letramento. Apontaram-se os benefícios referentes à diversificação de práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mostrou-se o trabalho do professor, para que as crianças se tornem alfabetizadas, mas também letradas.

O instrumento de coleta de dados auxiliou na análise dos textos. As análises foram realizadas de forma descritiva e qualitativa quanto aos dados de identificação do autor, periódicos, objetivos, aspectos metodológicos e, depois, foi realizada uma abordagem detalhada sobre os temas encontrados.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (2006, p. 36), “[...] visa descrever o fenômeno estudado ou as características de um grupo, bem como compreender as relações entre conceitos envolvidos no fenômeno em questão”.

Na pesquisa qualitativa, o método é um caminho para se chegar a conhecimentos válidos e são originados por meio de informações de pessoas diretamente vinculadas com a experiência estudada (BECK *et al*, 2002).

A pesquisa qualitativa, com base teórica na fenomenologia, é essencialmente descritiva.



## 2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para que se possa promover a interação alfabetização/letramento, faz-se necessário que o professor, juntamente com os demais profissionais envolvidos na escola, conheça a vida real da criança, como é seu ambiente natural, o que ela vivencia em seu dia a dia fora da escola. Esse conhecimento social do aluno recebido na escola pode proporcionar ferramentas muito úteis, imprescindíveis para o ensino dessa construção de aprendizagem.

Uma vez que o aluno percebe o que pode fazer com o que está aprendendo na escola, quando começa a notar que não está gastando suas horas desnecessariamente dentro de uma sala de aula — afinal, ele está aprimorando seus conhecimentos, está aprendendo a fazer uso do que já vive em seu dia a dia de maneira mais complexa e completa, de forma mais culta —, passa a compreender as diferenças existentes na sua língua, isto é, o ensino contextualizado permite que os alunos sintam mais vontade de aprender.

Percebe-se, ao conhecer materiais publicados sobre pesquisas aplicadas em torno do tema, aplicadas em escolas de diferentes níveis, que, quando ocorre essa mudança de comportamento dos professores com relação ao ensino, é que está acontecendo o letramento, ou ainda, está-se promovendo a interação da criança com esse “novo” método de ensino.

Por meio da Lei Maior do nosso país, a Constituição Federal de 1988, pode-se afirmar que, durante o processo de alfabetização, o aluno inicia a sua caminhada para a cidadania. Entretanto, como pode ser definido o termo alfabetização?

Há anos, tradicionalmente, a concepção desse termo configurava-se como o aprendizado do sistema alfabético de leitura e escrita, como desenvolvimento da possibilidade de decodificar os sinais e codificar sons em sinais gráficos. Mas, atualmente, o termo alfabetização tem sido definido como algo mais amplo, ou seja, deve-se alfabetizar e letrar a criança no sentido dos usos sociais da leitura e da escrita (SOLÉ, 2008).

É por meio de Soares (2005, p. 15) que o termo alfabetização é bem definido:

Alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas, e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Isso nos remete a um conceito de alfabetização no sentido de letramento atrelado à importância de inserir práticas de leitura e escrita por meio de diferentes portadores de textos desde os anos iniciais, pois quanto mais conhecimento textual o aluno tiver, tanto maior será a compreensão sobre o universo leitor. Mediante a interação com diversos textos que a prática social de leitura e escrita possibilita o envolvimento do leitor que lê, reflete, interpreta e sabe fazer a intermediação e interação entre leitura e escrita, dando sentido ao texto lido, daí a necessidade da conexão entre alfabetização e letramento.

Diante do exposto, percebe-se que alfabetizar não é apenas saber ler e escrever, mas também compreender práticas de leitura e escrita por meio de diferentes textos e vivências diárias. Por isso, como veremos logo à frente, o letramento e a alfabetização andam juntos em prol de uma educação de qualidade.

Na literatura, para definir alfabetização, esbarra-se em dois pontos presentes no duplo significado que os verbos ler e escrever possuem na Língua Portuguesa:

1) Marta já sabe *ler*. Marta já sabe *escrever*.

2) Marta já *leu* Ziraldo. Marta *escreveu* uma redação sobre Ziraldo.

No exemplo (1), “ler e escrever significa a “mecânica” da língua escrita; nessa perspectiva, alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler)” (SOARES, 2005, p. 16).

Portanto, como mostra Lemle (2007, p. 41):

[...] a alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler); o que o alfabetizando deve construir para si é uma teoria adequada sobre a relação entre sons e letras na língua portuguesa.

Soares (2005, p. 16), destaca que, no exemplo 2, “*ler e escrever* significam apreensão e compreensão de significados expressos em língua escrita (ler) ou expressão de significados por meio da língua escrita (escrever). Nesse sentido, a alfabetização é um processo de compreensão/expressão de significados”. Complementando, para Kramer (2002, p. 62), seria:

[...] um processo de representação que envolve substituições gradativas (“ler” um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) em que o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que lhe está mais distante, visando à comunicação, à aquisição de conhecimento... à troca.

Assim, percebe-se que o conceito de alfabetização se baseia na língua escrita, mas também na compreensão, na expressão de significados, entretanto há um terceiro ponto predominante também, o qual será tratado logo abaixo.

O sentido desse terceiro ponto é totalmente contrário aos dois primeiros, que veem a alfabetização como um processo individual. Nele, a alfabetização está voltada para o aspecto social. Portanto, a definição do termo alfabetização não é a mesma em todas as sociedades. Soares (2005, p. 17) confirma os dizeres, ao declarar que:

Que tipo de alfabetização é necessária em determinado grupo social? As respostas a essas perguntas variam de sociedade para sociedade e dependem das funções atribuídas por cada uma delas à língua escrita. Dizer que uma criança de sete anos “ainda é analfabeta” tem sentido em certas sociedades que alfabetizam aos quatro ou aos cinco anos; a frase não tem sentido em uma sociedade como a nossa, na qual não se espera que uma criança de sete anos já esteja alfabetizada. Para um lavrador, a alfabetização é um processo com funções e fins bem diferentes das funções e fins que esse mesmo processo terá para um operário de região urbana.

Portanto, o termo alfabetização possui uma definição complexa, pois depende de inúmeros fatores, como o cultural, econômico e tecnológico.

No dicionário Aurélio (apud JOLIBERT, 2004, p. 34), encontramos as seguintes definições: “analfabetismo: estado ou condição de analfabeto; alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever; alfabetização: ação de alfabetizar; alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar “alfabeto”.

É extremamente estranho revelar a palavra "alfabeto", na expressão "tornar alfabeto", mas é que, na Língua Portuguesa, há a palavra analfabeto, mas não o contrário dela. Portanto, tem-se a palavra negativa, porém, não a palavra positiva.

Freire e Macedo (2000, p. 32), propõem a alfabetização como a relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora desse mundo. A linguagem escrita é fruto de esforço coletivo e tem um significado social: possibilita ao sujeito ampliar seu conhecimento do mundo e do tempo em que está inserido. Portanto, a relação entre escrita e significado é essencial. Não há possibilidade de alfabetização sem relação escrita/mundo, escrita/contexto.

Dessa forma, alfabetização não consiste apenas em conhecer as letras e saber reuni-las em sílabas e palavras, isto é, dominar o código. Alfabetização é, na realidade, um processo que favorece o desenvolvimento da capacidade de linguagem, facilitando aos indivíduos dominar a leitura e a escrita, fazendo com que eles sejam aptos a elaborarem textos expressivos, orais e escritos, bem como compreendê-los, quando realizados pelos outros, ou seja, para poder interagir em seu meio (FREIRE; MACEDO, 2000).

Segundo fonte do IBGE (2002 apud SOARES, 2005), uma pessoa é considerada alfabetizada quando é apta a assinar o próprio nome; ler e escrever uma simples frase reproduzindo tarefas diárias; ler e escrever pelo seu próprio pensamento; realizar um teste escrito e captar a leitura, conforme o nível de estudo relacionado ao terceiro ano do Ensino Fundamental I; de se comprometer em toda e qualquer atividade na qual seja preciso ler e escrever, para praticá-la no seu meio.

Para Ruth Rocha (*apud* CARVALHO, 2005, p. 32), conhecida autora infantil brasileira, muitos indivíduos “entram na universidade sem saber ler”. A escritora enfatiza tais dizeres referentes àqueles que leem por obrigação, sem realmente saber ler. Segundo Rocha (*apud* CARVALHO, 2005, p. 32), “há uma espécie de zona cinzenta entre o analfabetismo e o saber ler. Saber ler, para ela, significa decodificar, ou seja, compreender o texto em primeiro lugar”.

Continuando, Rocha (*apud* CARVALHO, 2005, p. 32) salienta que “é preciso ler com certa rapidez, rapidez essa que leva à fluência e fruição do livro, em qualquer idade”.

A autora acentua também que:

[...] em casas onde pai e mãe têm o hábito da leitura, fica bem mais fácil que os filhos leiam com a mesma naturalidade. Mas, se não for esse o caso, os pais devem de toda maneira conversar e debater qualquer informação que entre em casa: filmes, músicas, noticiários, clipes e novelas (ROCHA *apud* CARVALHO, 2005, p. 32).

Rocha (*apud* CARVALHO, 2005, p. 33) finalmente ressalta “a importância de se oferecer, o número mais possível, de livros para as crianças. O livro deve ser sempre valorizado como objeto de prazer e conhecimento”.

No entanto, discutir sobre alfabetização, sem apontar alguns aspectos da obra de Emília Ferreiro, é algo incomum, devido à contribuição dessa estudiosa na mencionada área.

Os estudos de Ferreiro e Teberosky (1988), em se tratando da psicogênese da língua escrita, mostram como são construídos os três níveis evolutivos, e assim possibilitam estruturar atividades e projetos pedagógicos que auxiliam a compreensão da escrita, a fim vencer as dificuldades de cada nível.

O tempo necessário para avançar de um nível para outro varia muito, dependendo de como o professor trabalha os níveis, como, por exemplo, com atividades bem estruturadas e adequadas, além do que, motivando a passagem de um nível para o outro de forma que as crianças se sintam seguras e confortáveis diante do aprendizado.

O uso da metodologia contrativa, permitindo que a criança confronte sua hipótese de escrita com a forma-padrão, nos diversos materiais de leitura já conhecidos, representa um importante recurso para a estabilização da escrita ortográfica.

Segundo Russo (2001, p. 30):

[...] a sistematização do processo de alfabetização se dará ao longo dos anos subsequentes. Na medida em que o aluno adquire segurança no contato prazeroso, contextualizado e significativo com a língua escrita, sua leitura torna-se mais fluente e compreensiva.

Pela leitura, o aluno conquista, pouco a pouco, as convenções ortográficas e gramaticais, agregando conhecimentos voltados às exigências de escritor socialmente aceitas. Evolui o desejo e o prazer pela leitura e a capacidade de compreender, interpretar e expandir as ideias do autor, formando-se o leitor crítico.

No nível pré-silábico, a criança contempla a palavra como um todo global e a interpreta com inúmeros símbolos, utilizados eventualmente. No estágio seguinte, nível silábico, ela já compreende as unidades silábicas, utilizando somente um símbolo para interpretar cada uma. Apenas quando chega ao terceiro estágio, nível alfabético, é que a criança é capaz de entender os complexos mecanismos da leitura e da escrita. (FERREIRO, 2003).

No pré-silábico, o aluno possui uma quantidade mínima de letras e varia os caracteres. No silábico, o aluno já faz uma relação entre o que se fala e o que se escreve; cada letra representa uma sílaba. No silábico-alfabético, não há uma relação ampla do som com a grafia, mas a grafia corresponde à unidade sonora menor que a sílaba. E, no alfabético, a criança consegue vencer a barreira do código escrito, ficando somente a ortografia para ser corrigida.

Com o desenvolvimento da sociedade, tanto no aspecto cultural quanto no econômico, percebe-se que o analfabetismo conseguiu ser superado, porém emergiu uma nova necessidade: a de se criarem novas práticas de leitura e escrita. Essas deveriam ser mais avançadas e complexas que simplesmente saber ler e escrever, como vinha acontecendo no sistema social. Assim, em meados dos anos de 1980, ocorreu o surgimento do termo letramento no Brasil. Este deveria ser distinto do conhecido termo alfabetização. Portanto, o termo tornou-se alvo de atenção e discussão na esfera educacional, considerado o grande número de artigos e livros sobre o tema, publicados desde então.

Dentre os autores que deram início a esse termo, pode-se citar Paulo Freire, cuja extensa obra é um esforço constante em fazer com que, ao se alfabetizar, o indivíduo conquiste, também, sua cidadania. Há ainda outros trabalhos publicados, como os de Kato (2000), Tfouni (2005), citando-se apenas alguns autores e a pesquisa pioneira sobre letramento.

Segundo os autores Kato (2000) e Tfouni (2005), o novo termo se fez necessário ao se perceber que a população, embora alfabetizada, não possuía domínio de habilidades de leitura e escrita, essenciais para que o indivíduo tivesse uma participação competente na sociedade da qual fazia parte. Despertou-se para o fato da importância de tais

habilidades, para que se tivesse um uso competente da leitura e da escrita, questionando-se o conceito de alfabetização. Tais inquietações provocaram a alteração nesse conceito de alfabetização, e foi justamente essa mudança de conceito que fez com que surgisse o termo letramento como um novo conceito de alfabetização, uma alfabetização mais contextualizada e de melhor aplicabilidade na sociedade que estava surgindo.

Percebeu-se a necessidade de um nível de alfabetização funcional da população, encontrava-se implícito nesse novo conceito que se esperava que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o aluno teria aprendido não somente a ler e escrever, mas, além disso, esperava-se que o indivíduo pudesse fazer uso dessa leitura e escrita para se expressar na sociedade. Desde então, nota-se que acontecera um gradual acréscimo do conceito alfabetização em direção ao conceito letramento, podendo-se afirmar que o letramento é um fenômeno social.

Pelo fato de que os termos alfabetização e letramento sejam definições comumente confundidas ou sobrepostas, é fundamental diferenciá-los; simultaneamente, é importante também conciliá-los: a distinção é imprescindível, pois a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem intimidado arriscadamente a característica do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é primordial, pois não só o processo de alfabetização, ainda que diferente e particular, transforma-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é correspondente àquele (FERREIRO, 2003).

Dessa forma, é preciso reconhecer que cada um dos termos tem sua importância conceitual. Relevante se torna fazer um balizamento das propostas pedagógicas e compreender que o fenômeno letramento tem tanto o papel de banir definitivamente as práticas mecânicas de ensino instrumental como fazer com que os envolvidos na educação repensem a especificidade da alfabetização.

Portanto, o letramento é um termo muito recente, criado para suprir as exigências e necessidades da sociedade que vem se transformando ao longo da história, fazendo com que seja necessário que o indivíduo se prepare para fazer parte dela, de forma ativa e participativa. Surgiu com o objetivo de efetivar o processo de alfabetização, tentando reencaminhar o ensino da escrita na escola, priorizando o que há de comum na escrita que veicula na sociedade.

O letramento é considerado, hoje, um conceito amplo, um conceito plural, o qual tem inúmeros significados.

Segundo Kleiman (2008, p. 19), pode-se, atualmente, definir o letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Soares (2005, p. 17) define o termo como:

[...] O estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Mas, está implícita nesse conceito a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Por longos anos, acreditou-se que, para um indivíduo ser alfabetizado, bastava conhecer letras do alfabeto. Porém, agora se sabe que, mesmo sendo necessário o entendimento das letras, isso por si só não é suficiente para transformar um indivíduo com competência quanto ao uso da língua escrita.

É preciso entender que dominar a língua não se trata de um mero conhecimento das letras, isso não é suficiente para exercer uma comunicação perfeita. A linguagem atual transformou-se num verdadeiro fenômeno social, exigindo uma estrutura dinâmica e coletiva, ou seja, a escrita também é vista como um elemento cultural e social.

Tendo-se a intenção de se adaptar a essas exigências da sociedade e suas mudanças culturais, é que se pode destacar o surgimento do termo “letramento”, é ele que vem deixar claro o que realmente quer dizer, que um indivíduo está verdadeiramente apto a se comunicar na sociedade atual.

A alfabetização trata-se de um meio para se chegar ao letramento, por aquela oferecer o conhecimento das letras, enquanto este se configura em algo mais completo e, ao mesmo tempo complexo, por conclamar uma exigência social e cultural da leitura e da escrita (SOARES, 2005).

Segundo Freire (2001, p. 34), “o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, ser fazedor, transformador, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.”

É possível compreender, portanto, que o letramento possui o papel de construir indivíduos mais participativos, que tenham presença ativa na sociedade em que vivem. Para isso, não basta ser alfabetizado, é preciso ser letrado (FREIRE, 2001).

Considerada a importância do letramento, verifica-se, também, que os antigos métodos de ensino pautados em exercícios mecânicos e repetitivos, com bases totalmente descontextualizadas, passam a ser deixados para trás, e, assim, o aluno torna-se o protagonista do processo de construção do conhecimento. É exatamente isso que está implícito no termo

letramento, precisa-se nortear os alunos, para que construam seu conhecimento e entendam que não mais devem ficar presos ao que o professor tem a lhes ensinar.

De acordo com Soares (2000, p. 25):

[...] o letramento não se inicia propriamente na escola durante a alfabetização. Esse processo começa antes, logo que a criança passa a interagir na sociedade, durante seus primeiros contratos com a língua, quando seus pais leem livros infantis para elas. Portanto, sua entrada na escola significa um prosseguimento da construção de seu conhecimento iniciado em casa.

O termo letramento, portanto, extrapola a decodificação das letras, porque pressupõe leitura e escrita de textos significativos e contextualizados. A importância do letramento está no fato de que não se prende somente às pessoas que adquirem ou não a leitura e a escrita, ou seja, “os alfabetizados”. O estudo sobre letramento busca investigar as consequências da ausência da leitura e escrita, de maneira ampla, no âmbito social, ou seja, procura-se, sobretudo, conhecer as características da estrutura sociocultural do indivíduo (SOARES, 2000).

Com o intuito de entender o tema, primeiramente, discutir-se-ão as diferenças de dois institutos.

O termo letramento chegou há poucas décadas no vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas, mais propriamente, na segunda metade dos anos 80. Como retrata Soares (2005, p. 38), “letramento é o resultado da ação de letrar-se, se dermos ao verbo ‘letrar-se’ o sentido de ‘tornar-se letrado’”. Assim, “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita. O estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo. E como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2004, p. 39).

O indivíduo, a partir do momento em que é letrado, e não mais analfabeto ou iletrado, passa a ter uma condição social e cultural diferente, ou seja sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais, torna-se mais abrangente e sua visão de vida torna-se seletiva.

Com base na UNESCO, em 1958, Soares (2004, p. 71) destaca:

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana.



Finalmente, como a estrutura da educação formal e a natureza e qualidade da escolarização primária inspiram grandemente o conceito de letramento, seu valor social, seus usos e funções, bem como sua avaliação e medição, a interpretação de dados sobre letramento deve sempre levar conta as características do sistema escolar (LEAL, ALBUQUERQUE E MORAIS, 2006).

Mas, e a diferença conceitual sobre letramento e alfabetização?

Com breves palavras de Soares (2004, p. 39), a diferença se mostra:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Assim como é difícil exprimir uma definição única de alfabetização ajustada a todas as pessoas, em todos os lugares, em qualquer tempo, em qualquer contexto cultural ou político, também ocorre quanto ao letramento, ou seja, sua definição se fundamenta desde as necessidades e condições sociais específicas de determinado momento histórico, como num determinado estágio de desenvolvimento (LEAL, ALBUQUERQUE E MORAIS, 2006).

“Alfabetização é a ação de ensinar/aprender a ler e a escrever, enquanto letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2004, p. 39).

Alfabetizar e letrar são dois atos diferentes, contudo não inseparáveis. Nesse ínterim, o adequado seria alfabetizar letrando, ou seja, orientando a criança para ler e escrever mediante as práticas sociais da escrita e da leitura, de forma que o indivíduo passe a ser alfabetizado e letrado (SOARES, 2004).

“Para alfabetizar letrando, é necessário democratizar a vivência de práticas de uso da leitura e da escrita, além de ajudar o educando a reconstruir ativamente essa invenção social que é a escrita alfabética” (LEAL, ALBUQUERQUE E MORAIS, 2006, p. 13).

Alfabetizar e letrar, ao mesmo tempo, é visto como um desafio diário nas escolas. Implica refletir sobre as práticas e as concepções de alfabetização adotadas quando a criança é iniciada no mundo da escrita, analisando-se e recriando-se as metodologias de ensino, a fim de garantir que os educandos aprendam não apenas a ler e registrar de forma autônoma as palavras numa escrita alfabética, mas que possam ler, compreender e produzir os textos compartilhados socialmente como cidadãos.

Soares (2004, p. 39) explica que:

[...] um adulto pode ser analfabeto e letrado, ou seja, pode não ler nem escrever, mas usa a escrita. Isso pode acontecer se ele pede a alguém que escreva o que ele dita, ou leia por ele, seja uma carta que recebeu, uma placa na rua ou uma notícia no jornal.

Infere-se, então, que o indivíduo pode não saber ler, porém conhece as funções da escrita e as utiliza. É analfabeto, mas é, de certa forma, letrado, ou tem um certo nível de letramento.

O mesmo pode ocorrer com a criança, a qual pode não ser alfabetizada, entretanto ser letrada (SOARES, 2004). Isso ocorrerá se a criança conviver em um ambiente onde haja livros, ouvir histórias lidas por adultos, vir adultos lendo e escrevendo e, por conta própria, pegar um livro e fingir que o está lendo ou se apropriar de papéis e lápis, a fim de escrever uma carta, uma história, uma receita.

Portanto, ratifica-se que uma pessoa pode saber ler e escrever, mas não exercer práticas de leitura e escrita, não ler livros e jornais, não ser capaz de interpretar um texto lido, ou, ainda ter dificuldades para escrever uma carta. Ela é alfabetizada, contudo não é letrada.

Como base nos exemplos anteriormente citados, pode-se entender que há diferentes tipos e níveis de letramento, resultando das necessidades dos indivíduos, de seu meio ambiente e dos contextos social e cultural (SOARES, 2004). Dentre os tipos de letramento tem-se o letramento tecnológico, o básico, o multicultural, dentre outros.

A questão agora não é somente ensinar a ler e a escrever, mas motivar as crianças e adultos a participarem de experiências sociais de leitura e de escrita. Para tanto, é necessário que haja requisitos para o letramento.

A primeira condição é que exista escolarização real e afetiva da população, e a segunda condição é que haja disponibilidade de material de leitura, porque a estratégia para a conquista do letramento está na prática da leitura e da escrita.

Deve-se ter cautela para não desagregar letramento e alfabetização, pois o contato da criança e do adulto analfabeto com a escrita acontece conjuntamente nesses dois processos:

- a) alfabetização: aquisição do sistema convencional da escrita;
- b) letramento: desenvolvimento das habilidades de uso desse sistema de escrita em atividades de leitura e de escrita em práticas sociais que envolvam esse sistema (SOARES, 2004, p. 13).

A alfabetização e o letramento não são processos individuais, um depende do outro, são inseparáveis. Enquanto o primeiro é algo planejado, o segundo expande o processo de alfabetização por meio de atividades voltadas a práticas diárias, ao dia a dia.

Soares (2004, p. 14) explica que:

[...] a alfabetização desenvolve-se no contexto das práticas sociais de cultura e escrita, isto é, por meio de atividades de letramento; este por sua vez, desenvolve-se no contexto da aprendizagem das relações fonema-grafema, ou seja, em função da alfabetização.

Entretanto, nota-se que a insistência da escola em levar os alunos a usarem a escrita de acordo com as condições de produção por ela ofertadas. A persistência em avaliar essa escrita é, na verdade, um processo de desaprendizagem das funções da escrita: “enquanto aprende a usar a escrita com as funções que a escola atribui a ela, e que a transformam em uma interlocução artificial, a criança desaprende a escrita como situação de interlocução real” (SOARES, 2005, p. 73).

A escola precisa assegurar a todos os alunos, diariamente, a vivência de práticas reais de leitura e de produção de textos diversificados, como será mostrado por meio de exemplos no último capítulo do presente trabalho. Eis uma pequena introdução.

Como sugestão para iniciar o processo de alfabetização que se desenvolva em um contexto de letramento, é imprescindível que sejam contempladas, na escola, desde as classes do Ensino Infantil (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2006, p. 34), algumas situações destacadas a seguir.

- a) Situações de interação com outros interlocutores, por meio da escrita, em diferentes esferas da participação social. Exemplos:
  - . circulação de informações cotidianas;
  - . comunicação direta entre pessoas ou empresas (escrita de cartas, convites e avisos);
  - circulação de saberes, orientações sobre como realizar atividades diversas, como leitura de textos instrucionais;
  - . divulgação de eventos, produtos e serviços (produção e leitura de textos publicitários); entre outros.
- b) Situações voltadas para a construção e sistematização do conhecimento por meio da leitura e produção de gêneros textuais, tais como anotações, resumos e esquemas.
- c) Situações voltadas para a autoavaliação e expressão de sentimentos, por meio da utilização de diários, poemas, cartas íntimas, entre outros.
- d) Situações em que a escrita é utilizada como meio mnemônico, tais como: agendas, calendários, cronogramas e outros.
- e) Situações que propiciem o contato com variados textos: contos, fábulas, lendas, notícias, diários, relatos históricos, receitas, regras de jogos, regulamentos, artigos científicos, textos de opiniões.

Nessa perspectiva, é importante que a escola, desde a Educação Infantil, promova atividades que envolvam a diversidade textual e levem os educandos a construir conhecimentos sobre os gêneros textuais e seus usos na sociedade. Até mesmo as crianças que ainda não conseguem ler e escrever de forma autônoma podem fazê-lo por meio de outra pessoa.

Logo, é fundamental que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento, isto é, com a participação em eventos de leitura e de escrita, visando ao consequente desenvolvimento dessas habilidades nas práticas sociais em que são envolvidas (LEAL; ALBUQUERQUE; MORAIS, 2006).

Como forma de ilustrar o assunto levantado ao longo deste capítulo, julgou-se importante relacionar aqui algumas aplicações pedagógicas na prática da abordagem de letramento. Para essa ilustração, foram transcritas, abaixo, partes de um trabalho apresentado sob forma de artigo à Universidade Federal de Minas Gerais, o qual está disponível em sítio eletrônico e se refere a um levantamento de pesquisas bibliográficas sobre o assunto realizadas por REZENDE (2010, p. 1).

- Letramento X Alfabetização

“Há muitas armadilhas no mundo e é preciso quebrá-las” – Ferreira Gullar

Um sujeito pode ser alfabetizado sem ser letrado, uma vez que os textos aplicados em sala de aula não lhe dão condições para resolver questões que o mundo lhe propõe. Por outro lado, pode também ser letrado sem ter sido alfabetizado, e esta, é uma situação encontrada no comportamento de não-escolarizados que desenvolveram formas variadas de leitura, transformando seu dia-a-dia num cenário informativo.

É letrada a pessoa que consegue tanto ler quanto escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana. É iletrada a pessoa que não consegue ler nem escrever com compreensão uma frase simples e curta sobre sua vida cotidiana (UNESCO apud SOARES, 2001, p. 71).

Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

[...]

Alfabetizar letrando... um desafio para o professor

[...]

Alfabetizar não é apenas codificar e decodificar, mas saber usar e refletir, questionar os códigos e particularmente usá-los no cotidiano, mas é necessário um trabalho amplo e profundo e de longo prazo para alcançar os objetivos:

- participar com as crianças de práticas de letramento, ou seja, ler e escrever com função social;
- utilizar textos significativos, pois é mais interessante interagir com a escrita que possui um sentido, constitui um desafio e dá prazer;
- utilizar textos reais, que circulam na sociedade;
- utilizar a leitura e a escrita como forma de interação, por exemplo, para informar, convencer, solicitar ou emocionar.

Os dizeres anteriores dizem respeito a um relato de uma experiência real aplicada em uma escola pública, e acredita-se que ele possa fornecer importantes subsídios e ferramentas para serem aplicadas no dia a dia em sala de aula, pois nele fica claro como acontece o processo de letramento, podendo possibilitar uma reflexão sobre o tema em questão.

Um planejamento de alfabetização e letramento eficaz e que possa ser bem desenvolvido é fundamental para a efetiva aprendizagem das crianças. Desse modo, o educador, a partir do diagnóstico da turma para a qual esteja lecionando e da definição das capacidades a serem desenvolvidas, terá condições de selecionar os melhores recursos, procedimentos e atividades a serem trabalhados nas aulas. E é exatamente sobre isso que será tratado o próximo capítulo: diferentes práticas de Língua Portuguesa que podem ser adotadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as quais podem ser utilizadas de modo a alfabetizar e, ao mesmo tempo, letrar a criança desse segmento de ensino.

### **3. PRÁTICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

É atribuição do professor investigar o que a criança já sabe sobre a forma de linguagem e atuar como observador e intérprete nas atividades linguísticas e não linguísticas, orais e gráficas que se relacionam com a leitura e a escrita.

É dessa observação que o professor constrói sua mediação, sua própria participação no aprender da criança, e aprendendo sobre o aprender da criança, poderá dar um outro sentido ao seu ensinar.

Ao professor, cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objetivo artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado (ZILBERMAN, 2007, p. 24).

O educador deverá proporcionar múltiplas alternativas de interação do aluno com os textos literários, levando em consideração que a alfabetização é um processo global, contínuo e gradativo, e que cada criança percorre um caminho próprio na sua evolução.

Para que esse processo aconteça de forma coerente e que a criança aprenda conforme o seu amadurecimento, é essencial que se lhe proporcione variado material de leitura e escrita, abrindo tempo e espaço para escolher ou ler os livros do seu interesse.

Já para as crianças que ainda não despertaram para essa compreensão, ler as ilustrações é o suficiente para entenderem as histórias, contá-las ou recontá-las aos amigos. As histórias lidas ou contadas constituem sempre uma fonte de sentimentos e emoções que não acabam quando chegam ao fim. A história se incorpora na mente da criança com um alimento de sua imaginação criadora, abrindo caminhos para as suas próprias produções (ZILBERMAN, 2007).

Nesse processo, o conhecimento pode ocorrer na escola ou fora dela, dependendo do ambiente onde a criança vive. À medida que a criança cresce, vai construindo uma concepção de escrita, compreendendo sua natureza, num mundo em que os signos escritos são presença constante, pois ela encontra nas embalagens, jornais, revistas e demais

escritos muitas situações do seu cotidiano. Por isso, ela sabe que a escrita existe e que sua função é a de comunicar, fato que pode ser comprovado por Silva (2009, p. 21), ao comentar que “a criança lê o mundo que a rodeia muito antes de um aprendizado sistemático da leitura e escrita”.

Sendo assim, o envolvimento da criança com diversas práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental não requer que ela não esteja alfabetizada.

Um professor devidamente preparado e convicto do papel que diversas práticas de Língua Portuguesa desempenham no processo de alfabetização, transforma, por exemplo, uma história em excelentes atividades pedagógicas. É de fundamental importância um planejamento prévio de como o professor irá trabalhar, e cabe a ele saber aproveitar os recursos de que dispõe, estimulando as crianças, abrindo-lhes caminhos de livre expressão.

Desse modo, os comentários das crianças sobre as partes da história de que mais gostaram apontarão ao professor uma série de opções para aproveitar o entusiasmo dos alunos para com a história e fazer surgir inúmeras outras atividades ricas e lúdicas na classe. Até planejar módulos de aprendizagem, para aprofundar aspectos do conteúdo programático, terão sucesso garantido.

A seguir, por meio de Bomtempo (2010, p. 13), citam-se algumas sugestões que poderão ser utilizadas para o desenvolvimento da leitura e da escrita:

Organizar um projeto didático relacionado, por exemplo, fazer a reescrita da história, ilustrar, montar um livro, encadernar e promover uma tarde de autógrafos, com a participação dos pais.

Recontar a história com fantoches; com o uso do “microfone” de fantasia, na “televisão” que os alunos construíram; ou ainda, fazer um reconto coletivo, com as crianças continuando do ponto em que o colega parou; ou recontando a história com a mediação do professor.

- . Realizar dramatizações espontâneas.
- . Explorar as ilustrações, identificando o texto sugerido nelas.
- . Caracterizar personagens (bom momento para identificar valores humanos universais).
- . Desenhar, recortar, colar, montar cenas da história e produzir textos sobre o material confeccionado.
- . Cantar, recitar músicas e poemas relacionados com a história.
- . Criar outras histórias a partir dos trabalhos dos alunos.

Assim, utilizar a linguagem teatral e a imaginação das crianças, na sala de aula e de forma contínua, é algo divertido, prazeroso e essencial no seu desenvolvimento.

Bomtempo (2010, p. 13) traz outras sugestões.

- . Produzir um texto que conta como seria se a Bela Adormecida acordasse.

Hoje o que não existia há cem anos atrás / como ela iria viver e sobreviver. O professor poderá organizar módulos de aprendizagem, para extrapolar e trabalhar conteúdos programáticos com muito sucesso.

- . Criar um encontro entre personagens de várias histórias.

Como seria um encontro entre as princesas (ou entre os príncipes) dos contos de fada, já velhinhos?

- . Recontar a história, introduzindo algum elemento da modernidade que ainda não existia no tempo em que se passa a história.

Recontar a história do Chapeuzinho Vermelho que tinha um telefone celular.

- . Mudar o foco da narrativa: Como seria a história contada por Chapeuzinho Vermelho? Contada pelo lobo? Contada pela vovó? Ou contada pelos caçadores? Como seria a história da Branca de Neve se a rainha tivesse dado à luz um menino e não uma menina?

- . Criar história com interferência, a partir da história lida com a participação de todos os alunos da classe.

- . Dramatizar a história, como uma peça de teatro.

- . Recontar a história semidramatizada com a ajuda do teatro de sombras, do retroprojetor ou com slides. O professor poderá utilizar também o computador e todos os seus recursos. Recontar a história em quadrinhos, enfim, brincar com a história.

Todas essas atividades poderão ser utilizadas pelo professor em sala de aula, para incentivar o aluno a ler e a escrever mais e, conseqüentemente, reforçar a alfabetização e ao mesmo tempo letrar a criança das séries iniciais.

É evidente que o professor, para realizar atividades com determinado livro, precisa conhecê-lo antes de apresentá-lo aos alunos. O que implica sua constante atualização, a fim de saber selecionar a obra, previamente.

Outro momento é o da apresentação do texto. Durante a elaboração do planejamento, o professor decide qual o recurso utilizado para apoiar a narração. O melhor é que o docente procure alternar as formas de apresentação, não se esquecendo, porém, de que, em qualquer circunstância, o sucesso da história, a satisfação da criança e a construção da aprendizagem se apresentam na mesma proporção da criatividade do professor.

Variar técnicas e metodologias de apresentação e desenvolvimento é necessário para as expectativas positivas de um grupo frente aos conteúdos desenvolvidos.

São propostas que podem e devem ser adequadas a cada grupo, entre outras:



- . construção de fantoches com sucatas;
- . confecção de maquetes com materiais diversos;
- . realização de desenhos, colagens, pinturas, esculturas;
- . desenvolvimento de atividades de expressão corporal, como mímica e jogos teatrais;
- . criação de novos finais para a mesma história;
- . criação de uma nova história com os mesmos personagens;
- . confecção de ilustrações novas para um livro;
- . seleção de palavras da história para criar outras histórias;
- . criação de jogos educativos para trabalho de ortografia, gramática e vocabulário — memórias, dominós, bingos, quebra-cabeças — com palavras e desenhos da história (GARCEZ, 2004, p. 20/21).

O professor deverá observar e anotar o envolvimento de cada criança desde o momento em que ela conta a história, durante o desenvolvimento de cada estratégia trabalhada por ela e o dia da apresentação. Assim, o docente poderá intervir, quando necessário, e planejar a próxima atividade voltada a incentivar a criança a ser um leitor, conforme as reveladas, abaixo, pelo supracitado autor:

- . organização de um tribunal para defender personagens opostos (bruxas e princesa, por exemplo);
- . organização de novo texto a partir de pedaços de texto lido, porém desordenados;
- . construção de texto coletivo sobre as percepções da leitura de livro;
- . confecção de história seriada (história em quadrinhos), a partir de uma leitura;
- . organização de álbum de figurinhas com a ficha pessoal de cada personagem;
- . construção de jogos de tabuleiro, com ações segundo a sequência dos dados e piões no mesmo;
- . organização de um alfabetário de um livro;
- . realização de pesquisa sobre a vida e a obra de autores trabalhados;
- . criação de rimas e poesias a partir de tema de livro (GARCEZ, 2004, p. 20/21).

É fundamental que, durante tal processo, as crianças, que são os principais interlocutores dessa trajetória, sejam ouvidas. Cada uma terá sua impressão pessoal sobre a história, que nem sempre será positiva, o que deve ser sempre rejeitado. Por meio da proposta de trabalho delineada, é importante que cada um tenha a chance de recriar aquilo de que não tenha gostado, buscando novas soluções para uma situação, observando se, de alguma forma, essa situação está presente em sua realidade diária.

O livro apresentado à criança não precisa ser, necessariamente, apenas narrado. O professor pode utilizar gravuras, fantoches, varetas, avental, painel, desenhos ou estampas impressas para enriquecer a sua narração, permitindo que as crianças observem detalhes, oportunizando situações de análises críticas das imagens para o desenvolvimento do raciocínio lógico, nas noções de personagens, espaço e tempo da narrativa e, por conseguinte, da expressão verbal.

Em se tratando das atividades de exploração do texto, o objetivo é verificar, de maneira lúdica, se a história é compreendida, chamar a atenção para os aspectos estruturais do texto e discutir questões levantadas a partir de sua audição, é o momento da realização de uma verdadeira análise da obra.

Recortar, dramatizar, desenhar, montar painéis e quebra cabeças, modelar fazer dobraduras, construir maquetes, criar novos textos, dançar, montar álbuns, brincar, são atividades que podem ser desenvolvidas com a finalidade de recompor as sequências narrativas, estabelecer personagens dos espaços, do tempo e do tema proposto. Todavia, não é somente do livro que o professor pode retirar atividades voltadas à Língua Portuguesa, e sim, de suportes distintos que possam trabalhar com mais afinco a alfabetização e o letramento.

Antes mesmo de a criança das séries iniciais do Ensino Fundamental ser alfabetizada, é capaz de diferenciar na fala do professor se ele está contando história, se está recitando uma poesia ou se está dando uma notícia. Essa diversidade de textos vai servir de apoio para dar forma à escrita (GARCEZ, 2013). É que diferentes modalidades de textos estão presentes em seu espaço cultural, em sua realidade, em seu dia a dia. Então, por que não trazê-los para a sala de aula como forma de trabalhar a alfabetização e o letramento?

Como revela Curto (2009, p. 49):

[...] só se adquire o específico da linguagem escrita em contato com textos de uso social e refletindo acerca desses textos. Os livros de contos, outros livros infantis, cartas, notas escritas, jornais e revistas, folhetos, cartazes, etc. são modelos autênticos sobre as propriedades da linguagem escrita.

Ao chegarem à escola, as crianças não podem ler por si mesmas esses textos, mas podem conhecer suas características pela leitura que o adulto faz. Assim, o professor deverá preparar com antecedência textos literários, como histórias em quadrinhos, fábulas, contos entre outros. Quanto mais cedo os alunos começarem a conviver com uma variedade de estilos, gêneros e assuntos, mais autonomia de leitura ganharão e, conseqüentemente, haverá a comprovação de que a alfabetização e letramento devem estar atrelados.

Rocco (2006) propõe algumas estratégias para serem desenvolvidas com os mais diversos tipos de textos na sala de aula com alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental: o professor deve optar sempre por textos que envolvam e seduzam, deve buscar o novo, algo que prenda a atenção dos alunos. Deve correr de textos pobres em interpretações, ou seja, de textos que não permitam ao aluno abrir o leque das compreensões. Ao se trabalhar com crianças, deve-se ter o cuidado de selecionar textos e poemas com caráter narrativos, pois

a criança compreenderá melhor o conteúdo. Deve ser criativo ao propor e criar exercícios referentes ao texto, para que o aluno realmente aprenda o conteúdo, solte a sua imaginação e criatividade nas várias interpretações que este oferece, sem que eles percam no meio do caminho a literalidade do texto. As crianças devem aprender a trabalhar com as mais diversas linguagens poéticas que se manifestam de diferentes formas: lendas, quadrinhos, crônicas, contos, fábulas, programas de TV, entre outros. Assim, elas crescerão aprendendo a extrair informação de tudo e adquirindo, desde cedo, senso crítico. O professor deve preparar as crianças desde cedo, respeitando suas habilidades cognitivas, para que elas cheguem à compreensão literal e à compreensão final dos textos escritos. É preciso que a leitura nesses dois níveis seja muito bem trabalhada; caso contrário, no futuro, a criança nunca terá domínio nem da leitura nem do texto escrito, ou seja, não será letrada. Deve selecionar dias para rodadas de leituras entre todas as crianças. Quando se trabalha com lendas, contos de fadas ou fábulas, o professor deve contá-los com expressividade e usar de todos os meios visuais para ilustrá-las, deve explorar bem a narrativa, deve questionar seus alunos sobre certos tópicos esquecidos para dinamizar a aula e fazer com que os alunos interajam com o texto. As crianças podem desenhar as histórias contadas pelo professor, comentando sobre elas.

O professor deve atualizar-se, adequar as suas estratégias de acordo com sua realidade e com seus objetivos e estar aberto a novas metodologias e à sua aplicação.

Baseando-se em Rezende (2010), outras práticas de Língua Portuguesa podem ser desenvolvidas pelo professor nas séries iniciais do Ensino Fundamental, como se pode ver abaixo.

A princípio, com o objetivo de que cada criança reconheça e conheça a escrita de seu nome, é feita uma lista com todos os nomes que serão ditados pelas crianças. Em seguida, cada criança procurará seu nome na lista. Posteriormente, a classe será dividida em grupos, recebendo uma nova lista com os nomes, para que colem as respectivas fotos. Individualmente ou em dupla, desenvolverão uma atividade por meio da qual recortarão alguns nomes e fotos e colarão, fazendo a correspondência. Pode-se, também, recortar letras, para completar, nos nomes, as que estiverem faltando.

Além dessas atividades, muitas outras poderão ser feitas com essa lista e, posteriormente, com outras, como formar palavras com o alfabeto móvel, caça-palavras, cruzadinha, procurarem as letras dos nomes em jornais, revistas.

Seguem alguns exemplos retirados de Rocco (2006).

A criança alfabetizada deverá escrever uma carta ou bilhete, sugerindo ao seu colega (ou primo ou amigo) a leitura do seu livro, justificando a indicação.

O aluno escreverá três perguntas que faria ao personagem principal do livro trabalhado em sala de aula pelo professor, respondendo às mesmas como se fosse ele.

O aluno poderá escolher dois personagens importantes do livro trabalhado em sala de aula pelo professor, imaginá-los como estão e o que estarão fazendo daqui a dez anos.

O aluno poderá ilustrar uma cena, mostrando um final diferente do que havia acontecido no seu livro, descrevendo-o.

O aluno poderá fazer um cartaz com uma ilustração e um pequeno texto para divulgar na escola o livro que tiver lido.

O professor poderá realizar tal atividade: nesse momento, o personagem principal do seu livro entra pela porta de sua sala (o professor deverá escolher antecipadamente uma criança que representará esse personagem). Você terá a oportunidade de perguntar ao personagem tudo que quiser sobre a história, suas atitudes, seus medos, suas travessuras, etc.

O professor poderá realizar também: imagine que um aluno novo entrou para sua sala. Ele ainda não conhece a biblioteca da sua escola, ou da sua sala. Que livros você aconselharia a ele? Por quê?

Outra atividade: escolha três livros na biblioteca. Observe as ilustrações de cada livro com bastante atenção. Agora, escolha dentre os três, o livro que apresente as ilustrações de que você mais gostou e justifique sua resposta.

Além das atividades apresentadas, o professor poderá levar, para a sala de aula, outras práticas direcionadas à Língua Portuguesa e pedir ao aluno:

- . para escolher um trecho da história de seu livro e reescrevê-lo, acrescentando um personagem de outro livro que vai participar também da história. Quem é ele? Qual é a cena? Conte com detalhes;

- . para escolher três personagens de seu livro e indiciar suas qualidades;

- . para reescrever o início de seu livro, contando a história do ponto de vista de um dos personagens;

- . para descrever as características físicas de dois personagens de seu livro;

- . para escolher um trecho interessante de seu livro e contá-lo, usando duas formas textuais: quadrinha / resumo ou carta / diálogo;

- . para realizar um “júri simulado” sobre a atuação de um determinado personagem de uma história, duas crianças que tiverem lido o livro fazem o ataque e a defesa respectivamente. A turma atua como júri.

Outras atividades também podem ser trabalhadas:

. o professor passa no retroprojetor( ou *Datashow*) cenas de algum livro. Os alunos dizem o que imaginam que esteja acontecendo naquela cena; depois, quem já tiver lido o livro, contará o que é realmente acontecera;

. o professor seleciona alguns livros da biblioteca e os distribui aleatoriamente aos seus alunos. Depois que eles tiverem lido os livros, o professor diz nomes relacionados a (lugares, personagens, fatos, etc.), e a criança deverá perceber se esses nomes estão relacionados com o livro lido e falar o nome dele;

. as crianças assentam-se, formando dois círculos concêntricos. Cada criança irá falar para o colega da frente (do outro círculo) um comentário sobre o livro que tiver lido. A um sinal do professor, o círculo do meio deverá girar, mudando-se os pares e reiniciando-se a atividade. Depois de algumas rodadas, o professor poderá perguntar aos alunos quais os comentários de que mais gostaram de ouvir, qual o mais interessante, qual o mais divertido, etc.;

. o professor escolhe um dos livros que as crianças já tenham lido e prepara uma carta enigmática para que elas a decifrem. Num outro momento, o professor poderá pedir que cada criança prepare uma carta enigmática sobre o livro que tiver lido e a ofereça para um colega decifrá-la.

. quem conta um conto...

. o professor escolhe três crianças e pede que saiam da sala. Dentro da sala, o professor escolhe mais dois alunos e pede para que um conte ao outro a história que tiver lido, diante da turma. Ao final, o colega que tiver ouvido, deverá chamar uma das crianças que estiverem de fora e contar-lhe o mais fielmente possível o que escutara, e assim sucessivamente, até a última criança, que conterà a história para a turma de acordo com o que ouvir. No final, todos deverão discutir sobre os acontecimentos da história, as modificações ocorridas etc. Aproveitar para discutir com os alunos sobre linguagem oral *versus* linguagem escrita, “fofocas e boatos”;

. escolher três crianças que tenham lido livros diferentes e uma que não tenha lido nenhum deles. Durante um período de tempo previamente combinado, as 3 crianças tentarão convencer a (a) colega a ler os livros que leram (oralmente diante da turma);

. pares ou grupos de crianças deverão simular situações de conversa em que possam falar sobre os livros lidos, dentre outros assuntos adequados a cada situação: num clube, num ponto de ônibus, em pé ou assentados, na sala de aula, ao telefone, na sala de espera do dentista.

Outras práticas relativas à Língua Portuguesa nas séries iniciais, como auxílio à alfabetização e ao letramento são atividades, como poesias, conforme descreve Adams (2006), logo abaixo.

a) Poesias, canções e versos

Objetivo: usar poesias, canções e versos para aprimorar a consciência das crianças acerca dos padrões de sons da fala.

Materiais necessários: livros de poesias ou canções que rimam.

Atividade: as poesias, canções ou versos rimados que as crianças já conheçam de cor oferecem oportunidades especiais para o jogo da rima. Inicialmente, o professor deve apresentar às crianças apenas uma ou duas rimas para que elas possam aprender bem. Com o tempo, sempre podem ser acrescentadas mais rimas a seu repertório.

Ao introduzir um novo poema ou canção, o professor deve lê-lo e recitá-lo antes para as crianças, enfatizando seu ritmo e exagerando em suas rimas. A seguir, relendo verso por verso, as crianças devem repetir cada uma delas em uníssono. Para que possam ouvir e aprender as palavras, o ritmo deve ser lento e deliberado inicialmente, ganhando velocidade aos poucos, à medida que as crianças adquirem domínio.

Variações:

- . recite o poema baixinho, mas dizendo as palavras que rimam em voz alta;
- . recite o poema em voz alta, mas diga as palavras que rimam baixinho;
- . recite o poema aumentando o tom de voz à medida que avança;
- . recite o poema baixando o tom de voz à medida que avança;
- . recite o poema em coro ou em roda;
- . faça com que as crianças sentem-se em círculo e peça a elas que recitem, sucessivamente, versos do poema, uma de cada vez, criança por criança;
- . faça com que as crianças sentem em círculo e peça a elas que recitem sucessivamente palavras do poema, uma de cada vez, criança por criança.

Resta lembrar um último ponto. O professor consciente aproveitará todas as situações que possibilitem aos alunos apreender melhor o conteúdo e sentir mais intensamente a emoção de uma poesia. Para isso, deve planejar cuidadosamente a inclusão de poesias em seu programa de atividades.

b) Enfatizando a rima por meio do movimento

Objetivo: concentrar a atenção das crianças na rima.

Atividade: o jogo multissensorial é, geralmente, um meio valioso de atrair a atenção de crianças pequenas. A tradicional música infantil ‘O sapo não lava o pé’ oferece

uma base excelente para experimentar movimentos físicos no ritmo da rima. As crianças devem sentar-se em círculo com ambas as mãos fechadas à frente. Enquanto todas cantam a música, a criança que é “a escolhida” movimentada-se em torno do círculo e (suavemente) marca com batidas as palavras, primeiro na mão direita e, depois, na esquerda de cada criança. Uma criança cuja mão seja batida na última palavra, ou na palavra que rime, de cada verso, deve colocar essa mão nas costas. Assim que esconder ambas as mãos, a criança estará fora. A última que permanecer com uma das mãos ainda à sua frente torna-se ‘a escolhida’. Em ‘O sapo não lava o pé’ (FOLCLORE, 2015) as palavras “mágicas” estão em negrito:

O sapo não lava o pé  
 Não lava porque não quer  
 Ele mora lá na lagoa  
 Não lava o pé  
 Porque não quer  
 Mas que chulé!

Variação: é útil ampliar esse jogo também para outras rimas. Inclua as seguintes:

“uni Duni Tê” – Palavras mágicas: tê, salame, colore, você;

“um, dois, feijão com arroz” – Palavras mágicas: dois – arroz; quatro – prato; seis – inglês; oito – biscoito; dez – pastéis;

“cai, cai, balão” – Palavras mágicas: mão, não, sabão.

Após todas essas práticas diversificadas, apresenta-se a questão: A escrita e a leitura são importantes no cotidiano de uma criança?

Logicamente que sim. É por meio dos textos que a criança descobre as histórias, as letras, notícias, a data, nome das frutas, animais. E no seu dia a dia, a criança se depara com placas, embalagens, rótulos, documentos que os adultos mostram, enfim, diversos instrumentos com os quais tem contato.

Por meio do cotidiano da criança, há inúmeras atividades (ver anexo) que o educador pode programar para o seu aluno:

- . roda de conversa: o que queremos saber?;
- . registrando nossos conhecimentos;
- . roda de conversa: onde vejo a escrita?;
- . pesquisa e análise dos documentos pessoais;
- . observar a escrita no entorno da escola;

- . evidenciar o papel da escrita no registro da história de vida;
- . visitar o asilo para ouvir histórias antigas sobre a escrita;
- . linha do tempo: registro de fatos importantes ocorridos na vida do aluno desde o nascimento;
- . exploração do nome com a fonte de informações;
- . atividades de leitura e escrita relacionadas ao nome;
- . diferenciação de números e letras;
- . estudo sobre a importância da vacinação como instrumento para prevenção de doenças;
- . participar de uma palestra com enfermeira;
- . elaborar uma lista das vacinas já tomadas e das que ainda estão por tomar;
- . coleção, classificação, leitura e análise de rótulos e embalagens.

É por meio de suas experiências com a escrita, dentro e fora da escola, que os alunos têm possibilidade de explorar, refletir, exercitar e desenvolver seus conhecimentos sobre as funções da escrita em nossa sociedade, dotando-a de significados pessoais e sociais, e aprender sobre o seu funcionamento enquanto sistema simbólico, compreendendo o princípio alfabético, as convenções ortográficas e gramaticais, a natureza textual e discursiva, que são os organizadores desse sistema. Mais uma vez afirmamos: para aprender a ler e a escrever, é necessário que os alunos tenham acesso a uma grande diversidade de formas e utilização da escrita em nossa sociedade, a uma diversidade de tipos de textos — como seus leitores e produtores. Só assim poderão ampliar seus conhecimentos acerca de por que e para que a escrita é utilizada, sobre o seu funcionamento e, então, desenvolver suas capacidades enquanto leitores e produtores de textos no seu dia a dia, serem letrados e alfabetizados.

A produção de um texto escrito provavelmente não depende apenas da história de vida ou do conhecimento de mundo ou das representações mentais da criança, mas também da proposta que determina os elementos a destacar, os sentimentos a expor, a lógica a seguir, o enigma a decifrar, enfim, o tipo de texto a ser produzido. Daí a importância de o educador não só conhecer como se processa o desenvolvimento cognitivo de seus alunos, mas saber fazer propostas de acordo com os textos que deseja ver escritos por eles.

Em suma:

- . partir do que o aluno sabe; isso aumenta sua confiança em prosseguir;
- . oferecer alternativas para que o aluno extraia novas informações;
- . favorecer o trabalho coletivo e a interação com os colegas; o conhecimento é construído solidariamente;



. elaborar propostas claras, pertinentes, bem preparadas.

A criança aprende a escrever escrevendo. Ao interagir com o meio, ela vai construindo a escrita, evoluindo sempre de um plano menos desenvolvido para outro mais desenvolvido. Dessa forma, sua escrita vai aproximando-se de um instrumento de comunicação compreendido por todos.

É preciso saber intervir no texto da criança, transformando-o, com a intenção de aproximá-lo de uma escrita convencional. E isso é possível por meio de atividades de ensino e aprendizagem planejadas com essa finalidade, como fazer um passeio ao redor da escola, momento em que as crianças ficam atentas a tudo que veem (placas de restaurante, sinalização nas ruas, escritos nos muros, anúncios, faixas, *outdoors*); trazerem documentos pessoais como a certidão de nascimento, identidade, carteira do clube, teste do pezinho, cartão de vacina, e conseqüentemente o professor explorar seus nomes, datas de nascimento, local e hora de nascimento, o nome dos pais, dos avós, fazer comparações envolvendo nomes, números, símbolos, acontecimentos do passado e do presente, suas histórias de vida, a árvore genealógica de suas famílias, bem como a importância desses documentos para um cidadão. Com o cartão de vacinas, é possível “focar” as vacinas e sua importância para a saúde. Outra importante atividade que se pode destacar no cotidiano da escrita da criança é pedir a ela para trazer as contas de água, luz e telefone de sua casa, folhetos de propagandas, embalagens de diferentes produtos de consumo publicitário veiculados nas embalagens (ver anexo). Assim, o professor deve elaborar uma lista do que vem escrito nas embalagens, observar características gráficas dos textos (forma, cor, imagens), classificar as embalagens segundo diferentes critérios (tipo de material, tipo de produtos que trazem em seu interior), nome e marca do produto. Pode-se propor algumas questões: você sabe que produto é esse? Para que serve esse produto? Em sua casa, esse produto é usado? É preciso ter algum cuidado especial para se usar esse produto? Você sabe quanto custa esse produto no supermercado? Após essa atividade, o professor deve fazer uma leitura dirigida da embalagem com a finalidade de identificar alguns projetos gráficos e textuais (onde está escrito o nome, qual o nome, quais e quantas cores foram usadas na embalagem, informações contidas na embalagem, cuidados na utilização do produto, o fato de a embalagem trazer mensagem também em língua espanhola, reconhecimento de letras e números).

Dessa forma, as crianças podem ampliar seus conhecimentos sobre a leitura das embalagens.

Num momento seguinte, o professor toma o sistema de escrita como foco de estudo, como, por exemplo:

- . explorar o som inicial da marca “Bom Bril”, chamando a atenção para o som da letra B;
- . utilizar a brincadeira de roda “lá vai uma barquinha carregada de palavras que começam como” boneca, bola;
- . registrar essas palavras no quadro, dentre as quais se destacam duas para análise e comparação.

Após tal atividade, o professor pode enfatizar e comparar a palavra “Bom”, de Bom Bril, com palavras e expressões do nosso dia a dia.

Durante todo o processo, o professor deve realizar avaliações com o intuito de encaminhar as ações futuras.

O professor e os alunos podem fazer um mercadinho com embalagens trazidas de casa por eles. Com tal atividade é possível solicitar às crianças a organização de prateleiras do supermercado, adotando algumas características de classificação, simular compras, identificar informações contidas na embalagem, bem como a exploração de conhecimentos matemáticos (leitura de preços, data de validade, operações matemáticas, uso do dinheiro para compra dos produtos).

Finalmente, partindo dessas atividades descritas, é possível realizar jogos (quebra-cabeças, jogo da memória, trilha no supermercado), para tornar mais consciente e prazerosa essa aprendizagem, podendo constatar, com tal ação que, realmente, é brincando que se aprende.

Todas essas atividades possuem um objetivo central: possibilitar que as crianças reflitam e ampliem seus conhecimentos sobre os usos sociais da escrita em nossa sociedade. A inserção na cultura escrita é um fator primordial para o sucesso ou fracasso dos alunos na aprendizagem da escrita, a fim de que, efetivamente, sejam letrados, e não apenas alfabetizados.

Embora vivamos todos numa sociedade letrada, não temos igualmente a oportunidade de interagir com a escrita no nosso cotidiano.

## DISCUSSÕES

Atualmente, a educação brasileira busca oferecer ao aluno dos anos iniciais não apenas alfabetizá-lo, mas também letrá-lo. Mesmo percebendo que o processo de letramento tem início logo que a criança mantém seus primeiros contatos com a sociedade cultural, não se pode deixar de verificar que a escrita também se refere a algo de extrema importância nesse processo, e é exatamente baseando-se nesses entendimentos que se percebe a necessidade de haver um processo mais concreto dessa aprendizagem, pois já se sabe, a esta altura, que sua utilização ocorrerá na escola e fora dela.

Existe um forte apelo quanto à dificuldade de inserir o contexto de letramento dentro das escolas populares de classes sociais menos favorecidas, alegando-se que a quantidade e qualidade de materiais escritos disponíveis para essas crianças não são as mesmas encontradas nas classes um pouco mais abastadas. Desse modo, faz-se necessário perceber que, por menor que seja essa disponibilidade, algo existe, portanto é necessário encontrar uma maneira de fazer uso do material disponível da melhor forma possível.

Os profissionais de educação e as instituições precisam atualizar-se, reformulando suas ações, em busca de soluções para alcançar melhores níveis de letramento, provocando-se, assim, uma educação de qualidade. Para que isso seja possível, entende-se que seja necessário adotar práticas pedagógicas totalmente envolvidas no processo de desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos, é preciso contextualizar o ensino de forma a promover novos saberes, conforme a realidade dos educandos.

Soares (2004) acentua que as escolas, além de ensinarem seus alunos a ler e a escrever, devem motivá-los ao uso da leitura e da escrita, interagindo em experiências sociais de leitura e escrita. Entretanto, os professores devem trabalhar de forma real e afetiva, com material de leitura interessante, como, por exemplo, fazendo uso de textos diversificados - lendas, quadrinhas, crônicas, contos, fábulas, poemas, receitas, pelo fato de que a conquista do letramento se baseia na prática da leitura e da escrita.

Já para autores como Leal, Albuquerque e Morais (2006), não basta que a criança somente leia e registre de forma autônoma as palavras numa escrita alfabética, mas que possa ler, compreender e produzir os textos compartilhados socialmente como cidadãos.

Dessa forma, diferente de Soares (2004), Leal, Albuquerque e Morais (2006) possuem opinião de que não basta o professor trabalhar novas práticas nas séries iniciais, se ele não conseguir fazer com que a criança compreenda e produza textos.

Rezende (2010), em suas pesquisas bibliográficas, assevera que a criança pode ser letrada e não alfabetizada, que seria o comportamento de não escolarizada, não desenvolvendo inúmeros modos de leitura, transformando seu dia a dia em um cenário informativo. Portanto, segundo tal autor, a criança não precisa ser alfabetizada para ser letrada.

Silva (2011), praticamente confirma os dizeres de Rezende (2010), com as seguintes palavras: “a criança lê o mundo que a rodeia muito antes de um aprendizado sistemático da leitura e escrita”.

Outro autor que corrobora as opiniões de Rezende (2010) e Silva (2011) é Garcez (2013). Para ele, antes mesmo de a criança das séries iniciais do Ensino Fundamental ser alfabetizada, ela é capaz de diferenciar na fala do professor se ele está contando história, se está recitando uma poesia ou se está dando uma notícia. Essa diversidade de textos vai servir de apoio para dar forma à escrita. É que diferentes modalidades de textos estão presentes em seu espaço cultural, em sua realidade, em seu cotidiano.

Nota-se, pois, conforme salientam Rezende (2010), Silva (2011) e Garcez (2013), que a criança pode ir se tornando letrada, antes mesmo de ingressar na escola e se alfabetizar. Soares (2000) compartilha da mesma opinião dos autores supracitados, ao revelar que o letramento não se inicia propriamente na escola durante a alfabetização. Esse processo começa antes, logo que a criança passa a interagir na sociedade, durante seus primeiros contratos com a língua, quando seus pais leem livros infantis para elas. Portanto, a entrada dessa criança na escola significa um prosseguimento da construção de seu conhecimento iniciado em casa.

Entretanto, para Curto (2009), não é praticamente como Soares (2000), Rezende (2010), Silva (2011) e Garcez (2013) declararam em suas obras. Segundo o estudioso, só se adquire o específico uso da linguagem escrita em contato com textos de uso social, como cartas, notas escritas, jornais, livros infantis, entre outros; porém, refletindo acerca desses textos, ou seja, não basta vivenciá-los. Desse modo, o professor deverá preparar, com antecedência, textos literários (histórias em quadrinhos, fábulas, contos, lendas, entre outros). Quanto mais cedo os alunos começarem a conviver com uma variedade de estilos, gêneros e assuntos, mais autonomia de leitura ganharão e, conseqüentemente, haverá a comprovação de que a alfabetização e letramento devem andar caminhar lado a lado.

E quanto ao fato de a alfabetização e letramento estarem interligados, Soares (2005) assegura essa junção ao destacar que ambos não são processos individuais, um depende do outro, são inseparáveis, como se pode verificar na citação abaixo:

Alfabetização é um processo de representação de fonemas em grafemas e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito. Isso nos remete a um conceito de alfabetização no sentido de letramento atrelado a importância de inserir práticas de leitura e escrita por meio de diferentes portadores de textos desde os anos iniciais, pois quanto mais conhecimento textual o aluno tiver, tanto maior será a compreensão sobre o universo leitor. Mediante a interação com diversos textos é que a prática social de leitura e escrita possibilita o envolvimento do leitor que lê, reflete, interpreta e sabe fazer a intermediação e interação entre leitura e escrita, dando sentido ao texto lido, daí a necessidade da conexão entre alfabetização e letramento (SOARES, 2005, p. 15).

Contudo, não são termos com definições idênticas, ou seja, não são palavras sinônimas, como declara Lemle (2007, p. 41):

[...] a alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas (ler); o que o alfabetizando deve construir para si é uma teoria adequada sobre a relação entre sons e letras na língua portuguesa.

Kleiman (2008, p. 19), define letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Assim, os autores pesquisados no trabalho são unânimes em afirmar que os termos alfabetização e letramento diferem-se em suas definições, mas em junção são necessários em prol de que a criança tenha inserção na cultura escrita, como um fator de extrema relevância para o sucesso na aprendizagem da escrita. Para que realmente seja letrada, e não apenas alfabetizada, como afirmam Leal, Albuquerque e Morais (2006), é importante que a alfabetização se desenvolva em um contexto de letramento, isto é, com a participação em eventos de leitura e de escrita, visando ao consequente desenvolvimento dessas habilidades nas práticas sociais em que são envolvidas.

Conhecer as letras é certamente um meio para o letramento, o qual se entende, até aqui, como a utilização social da leitura e da escrita.

Durante as pesquisas realizadas, fica evidente que, para a formação de cidadãos atuantes, que consigam interagir plenamente em sua sociedade, é preciso entender o porquê da importância de se informar sobre letramento, desconsiderando-se velhos conceitos de que, para se perpetuar na sociedade, bastava ser alfabetizado.

Hoje se entende que, quando se tem a missão de letrar uma criança, é essencial oferecer-lhe condições para que consiga ser inserida no mundo letrado. Essa inclusão inicia-se antes do processo de alfabetização, à medida que o indivíduo começa a interagir socialmente com as práticas de letramento.

Sob esse viés, concebe-se que “letramento” é algo cultural, daí o fato de se dizer que as crianças já vão para a escola com uma pré-formação do conhecimento, trata-se de algo absorvido informalmente em seu cotidiano. Uma vez que se entende a importância do letramento, deixa-se de exercitar o aprendizado da leitura e escrita automática e repetitivamente.

Uma vez que se consegue entender a importância do termo letramento, está-se possibilitando perceber que ele está presente na formação social e cultural do indivíduo, daí o fato de poder se dizer que sua importância é fundamental na perpetuação do indivíduo na sociedade. Portanto, pode-se assegurar, implicitamente, que um indivíduo não letrado não terá muitas condições de estar na sociedade, sofrerá exclusão. Tal afirmação fica mais clara ao se perceber que o letramento é uma transformação histórica em nossa sociedade cultural, e que, uma vez que se pretende perpetuar na sociedade, é necessário acompanhar tais transformações.

É na escola que a criança irá interagir com o caráter social da escrita, lá ela poderá aprender a ler e a escrever textos significativos, por meio dos quais poderão expor suas ideias de forma clara.

A atuação do professor que vai alfabetizar não deve ficar focado apenas no quadro negro/giz/livro didático e tão somente às salas de aulas. Ele deve inovar, utilizando estratégias chamativas para ensinar “aquele” menino a ler e a escrever, a ser crítico, a ser cidadão, a ser letrado.

O que o educador ensina e aprende nas salas de aula é a chave para fazer as melhores escolhas, seja a dos governantes, seja a do programa na TV, o remédio na farmácia, a comida mais saudável, tudo, enfim.

Não pode a escola traduzir sua prática pedagógica em ações mecânicas, descontextualizadas e desinteressantes, artificializando o uso da língua escrita no universo de suas atividades. Ela deve utilizar e ressaltar a cultura escrita em seu cotidiano escolar, manifestando a sua funcionalidade e a sua significação viva, como uma das formas de representação simbólica do mundo.

Entretanto, sabe-se que, apesar dos intensos avanços e estudos nessa área, ainda há uma imensa lacuna entre o discurso teórico e a prática efetiva, na maioria das

instituições escolares. Infelizmente, a alfabetização em nosso país está voltada para a decodificação, bem como ainda persiste uma expressiva dificuldade em introduzir a cultura escrita na escola, e mesmo quando isso ocorre, ainda acontece de forma artificializada e desvinculada do seu uso real.

Por isso, identifica-se um grande contingente de indivíduos que, mesmo com vários anos de escolaridade, faz uso restrito e pobre da leitura e da escrita, faltando-lhes habilidades mínimas necessárias para se envolverem em situações sociais que requerem essas práticas, do ponto de vista pessoal, da cidadania ou do trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inúmeras são as metodologias trabalhadas pelos professores atuantes na alfabetização, entretanto, a que tem mais valia diante dos alunos, é aquela que está embasada no dia a dia e nas vivências dos mesmos.

Muitos professores recorrem a textos que fogem da realidade de seus alunos, textos com palavras desconexas, o que provoca nesses a não querência para a efetivação do verdadeiro processo alfabetização/letramento.

Todos os dias, inúmeros portadores de escrita transitam entre as pessoas com metas específicas. Tais materiais podem e devem ser conduzidos às salas de aulas e trabalhados com os alunos, mesmo que esses ainda não estejam alfabetizados. É da responsabilidade do professor informá-los sobre o quanto a escrita é primordial e as diversas circunstâncias que ela é empregada, o que provocará motivação aos alunos para dela se apoderarem.

O professor deve ser agente no processo alfabetização/letramento, não colocar livros na presença das crianças, para que as mesmas se desenvolvam sozinhas, mas motivá-las diariamente por meio de textos variados, como receitas culinárias, poesias, bulas de remédios, placas, lendas, quadrinhos, crônicas, contos, fábulas, canções ou versos rimados, ou seja, materiais que as crianças se relacionam no seu dia a dia. O efeito de todo esse trabalho será o letramento. Portanto, aos alunos não devem ser concedidos somente cartilhas, livros didáticos.

O certo é que o professor não fique atrás de sua mesa e na frente de um quadro negro, mas vá com os seus alunos nos variados meios, desde o espaço interno da própria escola, como em lojas, praças, até em lugares mais distantes como museus, ou mesmo exposições de outras cidades relacionadas à Língua Portuguesa, sendo que o importante é ir aonde o aluno perceba a escrita, a leitura em sua vivência e tenha experiências.

Assim, praticando a escrita e leitura, o aluno terá motivação e prazer de aprender a cada dia, de forma simples, divertida e proveitosa, pois assimilará o que estiver ao seu alcance, com o seu toque, vivenciará.

Quanto mais variados os textos, mais convenientes serão para os alunos fazerem suas atividades, e conseqüentemente explorarão, classificarão, averiguarão as semelhanças e diferenças, e o professor, conseguirá perpetuar a função do objeto que o veicula.

Em casa, o aluno também não deve vivenciar apenas um texto, portanto o professor deve fornecer a ele diversos textos com o intuito de complementar a prática



realizada na escola, e assim o trabalho do educador ser bem desenvolvido e com bons resultados.

Entretanto, como foi revelado no presente trabalho, muitos alunos, e até mesmo professores, discriminam vários materiais impressos que os circulam enquanto poderiam utilizá-los na promoção do conhecimento. Sendo assim, há a necessidade de reconhecer a presença da escrita no contexto diário e valorizar tais representações, visto que, no ambiente escolar, muitas vezes, privilegia-se o livro em detrimento dos demais portadores de texto. O resultado é catastrófico: crianças desmotivadas, tristes, sem perspectivas de querer ler e escrever, pois estas se tornam afazeres “chatos”, limitados. É exatamente aqui que ocorre o não letramento, e há o fracasso escolar.

Portanto, cada criança, no meio cultural em que vive, sobressai-se de uma forma. Todavia, fundamental é que ela tenha prazer em aprender no seu dia a dia. Essa é a verdadeira aprendizagem, o real sentido de ensinar.

Por outro lado, é certo afirmar que ensinar a ler e a escrever é dever da escola, porém, ela não deve ser tida como única responsável por realizar tal tarefa. Percebe-se que existe uma necessidade de que a comunidade como um todo assuma tal tarefa como um desafio a ser superado.

Outro aspecto abordado neste trabalho que deve ser apreciado é o fato de como ainda existem controvérsias em torno dos conceitos de alfabetização e letramento. Apesar de se tratar de um assunto amplamente discutido, tais conceitos são confundidos, e é possível perceber que se tratam de aspectos distintos, embora se relacionem diretamente um ao outro, como alguns autores opinam. Além disso, um indivíduo pode ser letrado sem, necessariamente, ser alfabetizado. Sabe-se que, na sociedade, existe uma séria exigência de que o indivíduo seja plenamente preparado para ser letrado, daí o porquê de se julgar possível afirmar que alfabetização e letramento devem andar lado a lado.

Somente pela prática é que se pode sentir que alfabetização e letramento são termos distintos, mas dependentes um do outro, no sentido de que não adianta saber ler e escrever, se a criança não consegue compreender o que lê e o que escreve, e vice-versa.

A vivência na sala de aula é muito trabalhosa, porque se trata de alunos heterogêneos. O professor sabe que o método não pode ser único e deve procurar aproveitar a vivência das crianças por meio de brincadeiras, jogos, rótulos, receitas, enfim, múltiplos materiais que estimulam a alfabetização e o letramento.

O professor que por meio de seu trabalho consegue ensinar aos alunos não apenas as tecnologias do ler e do escrever, mas mostrar a eles que essas práticas são

averiguadas no dia a dia dos educandos e com variadas funções, possuem a verdadeira prática do processo alfabetização/letramento.

Diante de todo o contexto da pesquisa, houve respostas concretas referentes ao objetivo proposto pelas autoras frente ao tema, principalmente ao fornecer aos pedagogos e leitores práticas de Língua Portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental para alfabetizar e letrar bem interessantes, como criar um encontro entre personagens de várias histórias; recontar a história, introduzindo algum elemento da modernidade que ainda não existia no tempo em que se passa a história; mudar o foco da narrativa: Como seria a história contada por Chapeuzinho Vermelho? Contada pelo lobo? Contada pela vovó? Ou contada pelos caçadores? Como seria a história da Branca de Neve se a rainha tivesse dado à luz um menino e não uma menina?; criar história com interferência; trabalhar com embalagens e símbolos diante da elaboração de histórias; praticar jogos divertidos e interessantes com materiais baratos e simples, a fim de motivar as crianças a escreverem e serem cidadãos críticos no futuro; trabalhar com filmes de acordo com a faixa etária das crianças com a meta de incentivá-las a pesquisarem e terem o dom da palavra no momento de suas escritas.

Não pode a escola traduzir sua prática pedagógica em ações mecânicas, como em um simples trabalho com quadro negro e giz, mas sim trazer a criança para perto da sua realidade, para que a mesma, quando crescer, seja um indivíduo crítico, sabedor de suas origens, um adulto letrado.

## REFERÊNCIAS

BECK, C. T.; HUNGLER, B. **Fundamentos de pesquisa: métodos, avaliação e utilização**. Porto Alegre: Artmed; 2002.

BOMTEMPO, L. **Alfabetização com sucesso**. Contagem: Oficina Editorial, 2010.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

CURTO, L. M. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2009. V.1.

\_\_\_\_\_. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2009. V.2.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2003.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, P. e MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GARCEZ, L.H.C. O que a criança já sabe. **Programa de Apoio à Leitura e à Escrita: PRA LER – Caderno de Teoria e Prática I**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Infantil e Fundamental. Departamento de Projetos Educacionais. Projetos Educacionais. Fundescola, /DPE/SEIFMEC. 2004.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIA INFANTIL. **O sapo não lava o pé**. 2015. Disponível em: <<http://br.guiainfantil.com/materias/cultura-e-lazer/cancoes-infantis/o-sapo-nao-lava-o-pe-letra-de-cancao-para-criancas/>>. Acesso em 10 out. 2015.

JOLIBERT, J. (org) **Formando Crianças Leitoras**. Tradução Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

KATO, M. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 2000.

KLEIMAN, Â. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

KRAMER, S. Privação cultural e educação compensatória: uma análise crítica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 42, ago. 2002.

LEAL, T.F.; ALBUQUERQUE, E.B.C. e MORAIS, A.G. Letramento e alfabetização: pensando a crítica pedagógica. In: BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Ensino Fundamental de 9 anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade, 2006.

LEMLE, M. A tarefa da alfabetização: etapas e problemas do Português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 15, n. 4, 2007.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAIVA, J. **Os sentidos do direito à Educação para Jovens e Adultos**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

PEREZ, F. e GARCIA, J. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

REZENDE, V. L. A. **Letramento**: ação pedagógica voltada para a prática social das habilidades de leitura e de escrita, trabalho apresentado a UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. 2010. Disponível em [http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss14\\_09.pdf](http://www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss14_09.pdf). Acesso em 20 jul. 2015.

ROCCO, C. M. J. D. **Educação de adultos**: uma contribuição para seu estudo no Brasil. Coleção Realidade Educacional ? V. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RUSSO, M. de F. **Alfabetização**: um processo em construção. São Paulo: Saraiva, 2001.

SILVA, M. E. da. **O uso dos jogos para a reflexão fonológica no processo de alfabetização**. 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=49126>. Acesso em: 19 jul. 2015.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2005.

SODRÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: ArtMed. 2008.

TFOUNI, L. V. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Cortez, 2005.

ZILBERMAN, R. (org.). **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2007.

## ANEXOS

### ANEXO I – Escravos de Jó

#### **Escravos de Jó**

*Número de participantes:*

Distribuir as crianças em grupos de 5 a 10.

*Desenvolvimento:*

Crianças sentadas no chão em círculo; um objeto (pedrinha, caixa de fósforo ou sementes).

As crianças vão entoando a cantiga, marcando os tempos fortes; passam o objeto de uma para outra, no sentido dos ponteiros do relógio. Somente na parte onde dizem "zigue - zigue - zá" o objeto é passado na direção contrária, retornando-se, logo a seguir, à primeira direção contrária, retornando-se, logo a seguir, à primeira direção. Quem erra cai fora. Os últimos dois serão os vencedores.

*Letra da cantiga:*

Escravos de Jó  
 Jogavam caxangá.  
 Bota, tira.  
 Deixa o Zé Pereira  
 Ficar.  
 Guerreiros com guerreiros  
 Fazem zigue - zigue - zá  
 Bis  
 Escravos de Jó  
 Jogavam caxangá.  
 Tira, bota.  
 Deixa o Zé Pereira  
 Ficar.  
 Guerreiros com guerreiros  
 Fazem zigue-zigue-zá

#### **Atenção - concentração**

*Desenvolvimento*

Crianças em círculo.

No início, dizem juntos "Atenção" e batem palmas três vezes. Segue: "Concentração" - três batidas de palmas; "Vai haver revolução" e o líder completa "Se você não disser o nome de ..." (fruta, brinquedo, etc ou palavra que comece com determinada sílaba ou letra). Seguindo a ordem da roda (direita ou esquerda), um de cada vez responde à solicitação feita.

Quem não atender à ordem deverá "pagar" uma prenda sugerida pelo líder: imitar bailarina, pular num pé só, etc).

A cada rodada haverá a troca do líder.

## ANEXO II – Jogo do Bicho ou Rabo de Burro

### JOGO DO BICHO OU RABO DO BURRO

#### Material necessário

- 4 cartolinas coladas formando um grande retângulo com o desenho de um burro de costas
- Tinta guache
- Fita adesiva
- Rabo do animal em papel crepom
- Venda para os olhos

#### Como brincar

Desenhar um burro de costas ou de lado numa cartolina e prender o cartaz numa parede. Cada criança deve receber uma etiqueta autocolante grande (já destacada). De olhos vendados, a criança deve caminhar até o desenho e colar o rabo do animal. Quem colocar o rabo mais próximo do local correto é o vencedor.

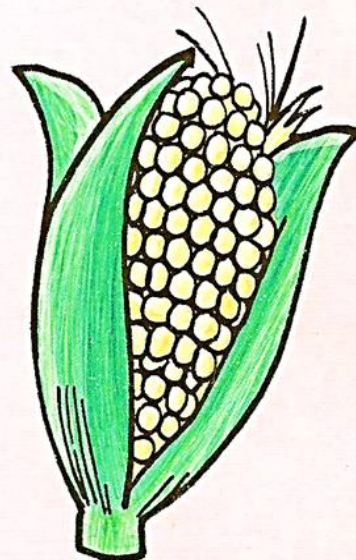
### CORRIDA DO MILHO

#### Material necessário

- Giz
- Bacia
- Grãos de milho
- Colheres
- Copo descartável

#### Como brincar

Traçam-se duas linhas paralelas e distantes, uma da outra. Atrás de uma das linhas, coloca-se uma bacia com grãos de milho. Atrás da outra linha, os participantes são reunidos aos pares - um deles segura uma colher e o outro um copo descartável. Dado o sinal, os participantes com a colher correm até a bacia. Enchem a colher com milho e voltam para a linha de largada. Lá chegando, colocam o milho no copo que o companheiro segura. Vence a dupla que primeiro encher o copinho com milho.





## ANEXO III – Filmes e Desenhos Animados

### PRÁTICA PEDAGÓGICA USO DE FILMES E DESENHOS ANIMADOS

Porque não trabalhar com desenhos animados, histórias e clássicos, transmitidos pela tv ou mesmo em vídeos? Principalmente nas séries iniciais, onde o universo infantil é receptivo às fantasias e imagens, cabe ao alfabetizador saber aproveitar esse momento de maneira eficaz e produtiva, fazendo um uso reflexivo e pedagógico dos recursos audiovisuais.

A linguagem dos desenhos animados e o enredo dos filmes infantis estão presentes no dia-a-dia das crianças. Nesse contexto e partindo da realidade dos alunos, é que os desenhos animados e filmes (curtas ou longa metragens) precisam ser considerados como instrumentos privilegiados de ampliação dos conhecimentos e habilidades dos alunos. Devem ser aprofundados em sala de aula no sentido de auxiliar a leitura e interpretação lógica dos fatos, enredos, personagens e cenários.

O guia do alfabetizador apresentará algumas maneiras, não todas, pois há uma inesgotável possibilidade nesse campo, de se trabalhar com trechos de filmes e desenhos animados, enriquecendo e ampliando o conhecimento de mundo do aluno. A proposta é, mais do que simplesmente, colocar a turma para assistir um desenho como entretenimento.

Assistir apenas pelo entretenimento pode acontecer algumas vezes durante o ano letivo na escola, mas precisamos trabalhar com novos elementos de interpretação e leitura próprios desses portadores. Ao mesmo tempo, planejar atividades e procedimentos que ampliem o ato de ler e escrever utilizando filmes e desenhos de curta ou longa duração: ler a sinopse na embalagem do filme, construir a lista de personagens, relatar a parte que mais gostou, discutir sobre os perfis e características de cada personagem (modo de falar, preferências, etc), analisar o cenário, o enredo e, quem sabe, até um reconto, seja através de uma ilustração, dramatização ou escrita do roteiro daquele desenho ou trecho de filme assistido.

Algumas competências e habilidades estarão em jogo no uso desse recurso, tais como:

- contribuir para o desenvolvimento e a participação ativa da criança na sociedade;
- identificar a linguagem televisiva percebida pelas crianças;
- proporcionar situações para que o aluno perceba a forte presença dos meios de comunicação no seu cotidiano;
- refletir sobre o papel do desenho animado em sala aula e como ele pode contribuir para a formação e o desenvolvimento dos alunos;

## PRÁTICA PEDAGÓGICA USO DE FILMES E DESENHOS ANIMADOS - CONTINUAÇÃO

- conhecer e entender melhor a estrutura do desenho animado como uma nova dimensão da linguagem verbal;
- reconhecer diferentes desenhos, envolvendo as crianças com o mundo imagético e sua importância;

De que maneira essa prática poderá ser realizada em sala de aula?

Com os alunos, o alfabetizador pode selecionar os desenhos e filmes de que mais gostam ou indicar o que será assistido, levando em conta o planejamento, ou seja, o que a turma estiver trabalhando. Antes ou após assistirem ao desenho ou filme, o alfabetizador pode enriquecer e ampliar o tema com algum gênero textual (fábulas, contos, poesias ou até mesmo uma história em quadrinhos).

Outra dica é buscar as origens dos desenhos animados e de que maneira eles foram realizados. Nesse caso, após essa pesquisa, os alunos podem fazer o seu próprio desenho animado. Eles deveriam começar desenhando a história no fim de página de um bloco, em branco, e após, cada três ou mais desenhos co-relacionados, folheariam a página de forma rápida, dando “vida”, ou melhor, movimento aos desenhos realizados. Essa é a estrutura inicial de um desenho de animação. Caso a sua turma se interesse em saber mais e sua escola tenha computador conectado à internet, acesse <http://www.canalkids.com.br/arte/cinema/magia.htm>

Seguem algumas dicas de desenhos e filmes com as respectivas sinopses para facilitar na escolha:



### Chico Bento em “Chico Mico e outras histórias”

Que o Chico Bento sempre fez macaquices todos sabem! Mas, dessa vez, ele exagerou um pouquinho. Dá só uma “ôiada no qui ele aprontô agora, sô!”

### A História do Galo Ataliba

Chico Bento ficou muito triste desde que o seu galo, Ataliba, amanheceu doente. Nhô Bento, com pena do filho, resolve presentear-lo com um pintinho. Mas parece que o Chico vai passar por algumas dificuldades para encontrar uma mãe para o pequeno filhote.

### Chico Bento em “Chico No Shopping”

“Chópingui? Lá donde eu moro num tem dessas coisa, não! Vixi! Tô vendo qui vô Passá por uns apuro aqui na cidade grande! Num sei pru que eu fui aceitá o convite do meu primo pra i num “trem” desse!”



## ANEXO IV – Onde estão as palavras

## 7) Onde estão as palavras?

Faça um sinal em qualquer palavra.

Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Agência Pulsar/Delfim Martins



Reproduzidas com a permissão de Societé des Produits Nestlé S.A., Vevey, Switzerland.

Reproduzidas com a permissão de Societé des Produits Nestlé S.A., Vevey, Switzerland.

Reproduzido com a permissão da BRFSTFOODS, USA

## 8) Conversando

Você conhece os produtos indicados nestes rótulos?

Para que serve cada produto?

Onde podemos comprá-los?

Quais palavras dos rótulos você conseguiu

## ANEXO V – Atividade com embalagens

ESPONJA DE LÃ DE AÇO  
LANA DE ACERO

**BOM  
BRIL**

1001 UTILIDADES  
CONTÉM 8 UNIDADES  
CONTIENE 8 UNIDADES 60g

Abre aqui

---

QUAL É O NOME DO PRODUTO?

BOM BRIL

QUANTAS LETRAS ELE TEM?

7

ESCREVA O NOME DE ALGUM COLEGA QUE  
COMECE COM ESSA LETRA:

BRUNA

THONATAAS



## ANEXO VI – Atividade com sinais e símbolos

**3)** Você também conhece alguns sinais?  
Desenhe-os neste espaço. *Pessoal.*



**4)** Leia e discuta com o professor e os colegas sobre os símbolos abaixo.

